4

CONHECIMENTO POPULAR
(Da Fauna do Nordeste do Brasil)

CAPÍTULO I

OS ANIMAIS IMPERFEITOS: ESQUISITOS, PERTURBADORES E AMEDRONTANTES

SE VERDADEIRA a preferência de o homem identificar-se com os animais, que elege em seus nem bem esclarecidos princípios de convivência com seres estranhos, dentre os quais sobrelevam muitas vezes exemplos de ferocíssimas espécies, não menos precedente a afirmativa de o constrangerem, atemorizando-o, algumas criaturinhas animais visivelmente vulneráveis ao seu trato. Mas todavia não fáceis de serem dominadas, vencidas.

Dá-se de prova o caso de ser mais plausível alguém livrar-se da ameaça de onça canguçu, do que da arremetida implacável das chamadas "formigas soldado" que, em hordas incontíveis, caminham obstinadas, e por onde passam na mata, vão mordendo, triturando, pulverizando o que lhes deparar de obstáculo.

Tais monstrinhos, também chamados "carregadeiras", não se dobram ao menos às suas "competidoras habituais: as formigas de fogo e os marimbondos" (Roosevelt, 1943, p. 330).

Curiosas as apreciações, a respeito, de observadores mais antigos, a se tirar pelas do senhor mestre Frei João César, ilustre membro da Academia Brasílica dos Esquecidos (1724).

Em linguagem preciosa, denunciou a existência do que, a certo momento de sua dissertação, dá por indivíduos "aéreos" e "insetos voláteis": "Quase molestos perturbadores dos viventes, pungentes e ruidosos despertadores do sono, vociferantes, e roucos clarins do meio-dia, reluzentes *Piraustas* da noite, volantes Clícies das Luzes, estragos sussurrantes das flores, e vorazes destruidores das plantas" (Castello, 1971, p. 216).

No rol desses aéreos indesejáveis os que contrapõem, no dizer do douto acadêmico brasílico, a "melifluidade e doçura" com "aspereza, insulto, e crueldade": as "vespas maiores, e menores, Capueruçus, Uruperanas, Aiçavas, e Tupeiçavas, mais conhecidas por Marimbondos-de-tatu, Marimbondos de Caboclo, e Petiocabos, que não só com seus pungentes aguilhões infestam aos homens, mas também penetram a grossa, a áspera pele dos brutos, comovendo-os até a última desesperação; porque próprios, e naturalmente no Brasil; *mediis, feruoribus acrior instant*" (idem, p. 216).

Antológica a "Dissertação Oitava" do dito senhor mestre Frei João César, "na qual se descrevem os Insetos Voláteis do Brasil": nenhum dos chamados "imperfeitos" escapa às curiosas definições do erudito religioso: "são mais grosseiros e obscuros no nome" – afiança o acadêmico a seus pares – os esplêndidos Voláteis Insetos, cintilantes Piraustas da noite, ígneospíropes dos campos, luminosos pequenos Astros, ou exalações viventes, relâmpagos volantes, alígeros luzentos bichinhos, aos quais Plínio com os Gregos chama Lampírides, os Latinos Cincidela, os cultos Pirilampos..." (o.c., p. 220).

Indivíduos desse porte formam mundo à parte. Vão desde os ortópteros, de mandíbulas vigorosas adestradas para cortar paus, até os isópteros, terríveis na proliferação e fome, comendo madeira, papelão, couro, enquanto percorrem o chão ou furam parede, deixando para trás um rastro excrementício de

destruição. E nessa projeção de seres indesejáveis, não raro senhores de apetite voraz, os anopluros, família que abrange os nauseantes piolhos que sugam o homem.

Crê o povo inexistir sangue nesses pequenos seres. Neles a Ciência explica, mas sem convencer os menos aprendidos, que, circula sangue incolor ou "levemente colorido de verde", "frio", pois não portam coração nem vasos de circulação, entendíveis como veias (Moreira, 1921, p. 184).

Miran de Barros Latif testemunha: nas regiões tropicais, "em pleno verão, até os animais se aproximam das fogueiras para se livrarem da perseguição dos insetos", e dá exemplo de fracasso do homem no trópico" "ante a coexistência de minúsculos animais de sangue frio", como foi ver, a mostrar ao leitor, em documento do século XVIII. Nesse dito expediente, de natureza oficial, desesperado soldado escreve aos seus superiores a avisar que "o posto avançado dos paulistas à margem do Paraná será abandonado não devido às onças ou pressão dos paraguaios, mas da bicharia' que atacando os cavalos, os fazia correr a buscar abrigo junto ao fogo, no interior dos ranchos" (Latif, 1959, pp 66, 67).

Na "Relação do Maranhão", informação valiosa escrita pelo inaciano Luiz Figueira em 1608, está contado o que foi a grande incursão que empreenderam ao Ceará o dito missionário e seu companheiro de ordens religiosas, Pe. Francisco Pinto, trucidado pelos índios da região. Enfatizada na obra, em algumas passagens, a presença de animais atormentadores do homem, quer por sua ação venenosa, quer pelas importunações à feição de vexame.

Desse estado, mencionado: "Nesta triste serra dos corvos parece q' se ajuntarão todas as pragas do Brasil, inumeráveis cobras e aranhas a q' chamão caranguejeiras, peçonhentíssimas de cuja mordedura se diz q' morrem os homens, carrapatos sem conta, mosquitos e moscas q' magoão estranham-te, e ferem

como lancetas fazendo logo saltar o sangue fora...” (*Três Documentos do Ceará Colonial*, 1967, p. 81).

Em nota de esclarecimento ao assunto, na mesma publicação, Th. Pompeu Sobrinho vê o enxame das “meruanhas” (*Itamaxia caleitrans*, Geof.), díptero hematófago da família dos Eumüdeos), como “extremamente incômodo” (o.c., p. 126).

Os que perlustraram por esses dias os sertões, os longes, a interioridade mais funda do país, não aceitam sem visível azedume a agressão insólita de indesejáveis insetos, sobre os quais Claude d’Abbevile, a propósito, ajustaria esta definidora apreciação da condição atenazante daqueles: “Muitas pessoas ouviram falar na existência, no Maranhão, de animais que, embora pequenos, incomodam o homem. E muito se admiram do fato. Mas é pura verdade. Devem eles saber que em qualquer país onde existam animais perfeitos também os há imperfeitos, a que alguns denominam *insecta* e outros *anulosa* ou *annulata* e outros ainda, com Aristóteles e Plínio, Eyvooyu. São pequenos animais sem sangue ou sem membros distintos, apenas alguns têm cabeça e ventre ou simplesmente um centro que serve de peito e dorso; têm uns a pele golpeada; outros a têm enrugada ou ainda anelada ou feita de rodelas” (Abbeville, 1975, p. 204).

Vivem em todas as partes. Na França, acrescenta Claude d’Abbeville, alguns são dotados de asas e voam, como borboletas. São moscas, abelhas, vespas, mosquitos, besouros e caracóis. “Outros, possuidores de pés, correm ou rastejam, como o gafanhoto ou saltarelo, a pulga, o escorpião e a víbora. Outros ainda participam dos dois tipos, como as formigas; outros ainda não têm asas, nem pés como os vermes, as lêndeas em crescimento. Vivem uns nas matas e outros no corpo do homem como o oução e outros vermes” (idem, ibidem).

O Maranhão, prossegue o capuchinho francês, não se isenta desses seres imperfeitos. Ali abundam as abelhas, a

motuca, o maruim, o içá, o cupim, e dentre muitos mais, como esclarece Mário Guimarães Ferri em nota de pé de página à obra já mencionada, qual a espécie de "díptico hematófago", um tipo de "moucheron" – assim grafado por Claude d'Abbeville – pequenas moscas, inominadas ou grandes, possivelmente as varejeiras (o.c., p. 205).

Mas quem descreve a presença insuportável de tais seres imperfeitos, por experiência própria, é Theotônio José Juzarte, através das páginas do "Diário da Navegação do Rio Tietê, Rio Grande Paraná e Rio Gustemi", relato escrito a partir de 10 de março de 1769 (Taunay, 1981, p. 236).

Lembrados com ênfase os insetos importunadores dos monçoeiros: "mosquitos chamados pólvora, borrachudo; pernilongos, e em tal quantidade, que se formam nuvens; além destes há os vermes que, picando na cútis, introduzem dentro um bicho negro gadelhudo à semelhança de uma lagarta de couve." E mais carrapatos, moscas de ferrão etc.

No dia 4 de maio de 1769, quando a expedição do sargento-mor passava sua gente por terra, abandonadas momentaneamente as embarcações nas quais subiam o rio, veiolhes do mato uma "nuvem de marimbondos", mordendo a todos, de lastimar; os homens fugiam, gritavam as mulheres e as crianças choravam (o.c., p. 256).

A expedição de Theotônio José Juzarte teve de enfrentar depois as pragas de imundícies que por lá, à época, engendravam "muitas doenças e amiudavam as mortes." Assim, surgiram os ratos; não faltaram as pulgas seguidas de "uns bichos grandes felpudos, nojentos, e muito moles, que por toda a parte se trepavam e perseguiam a gente"; por diante, baratas que, voando, "davam na cara" das pessoas, e grilos, tão a fim de perturbarem, que ninguém podia dormir; e, finalmente os gafanhotos "grandes, que se levantavam em nuvens que escureciam o sol", tudo a modo de "coisas sobrenaturais" (o.c., p. 280).

Oscar Canstatt mais próximo de nós, em 1871, anotou serem os mosquitos "uma praga no país." Deles, escreveu, "três espécies se distinguem como tormento dos homens e igualmente do gado: o maruim, o pium e a carapanã." Ajuntou: "O ataque desses pequenos demônios pode também levar o mais calmo dos homens à impaciência e ao desespero" (Canstatt, 1975, p. 67).

Spix e Martius em sua peregrinação pelo Brasil, no primeiro quartel do século passado, demoraram observação sobre o mucuim: "inseto microscópico, sem asas, do gênero *Trombidum*; vive nos capins verdes e agarra-se com avidez à pele, onde aparece como quase invisível pontozinho escarlate. Aí, ele penetra logo, por meio de sua tromba: morto, permanece com peçonhenta irritação e provoca desagradabilíssima coceira que dura dois e três dias" (Spix-Martius, 1981, v. 3, p. 55).

Às vezes dão-se migrações desses chamados animais imperfeitos. Francisco de Barros Júnior, conhecido caçador e pescador, autor de vários livros sobre os "prazeres cinegéticos", conta as "migrações de insetos alados" que assistiu nas jornadas esportivas pelo interior do país. Deixou-nos um quadro rememorativo de ocorrência testemunhada: "Em determinado dia, e quase à mesma hora, como obedecendo a um secreto comando, saem dos cupins legiões de mimosos ternicídeos alados, para gáudio de pássaros e peixes. Dos formigueiros enxameiam os içás, suculenta alimentação do mundo alado, fácil alimento dos desdentados tamanduás e tatus..." (Barros Júnior, 1981, p. 164).

Outra descrição surpreendente: "Subindo o rio Madeira em 1937, encontramos descendo pela margem direita, voando em coluna cilíndrica, uma nuvem de mariposas brancas, pequenas de um centímetro. Para fazer-se idéia de seu número, basta dizer que viajando em sentido contrário, levamos mais de uma hora para passar pela gigantesca coluna, com

um diâmetro de pelo menos cinqüenta metros e longa de uma legua e meia" (idem, p. 165).

Caçando pelo Tocantins, esse conhecido cinegista fez um desabafo "contra os incômodos provocados pelos 'piuns"'. O chamado mosquito pólvora atravessava-lhe o mosquiteiro vexando-o e o atacando de modo persistente. "Quase todas as feridas notadas nas pernas de homens, e mulheres e animais" – esclareceu aí ; "nessa região equatorial, são causadas pela picada do terrível *Simulium amazonicum*" (idem, p. 57).

Mas nem todos os representantes dessa fauna tão importunadora e até exasperante – como se verá por diante – é de tamanho insignificante. Há por exemplo a jaquiranabóia, também conhecida por "cobra-do-ar", "cobra-de-asa", "cigarra-cobra", "gafanhoto-cobra", como registrou Karol Lenko. Inseto "da ordem Homóptera, família *Fulgoridae*, é o gigante entre eles, pois o comprimento de algumas espécies, com asas dobradas, chega a 10 cm, a envergadura chega a 16 cm. Além disto, as asas posteriores possuem grandes membranas ocelares, amarelas, circundadas de preto, do tipo 'olho de coruja'." (*Almanaque Agrícola Chácaras e Quintais*, julho 1963, p. 120).

Tem-na o sertanejo como inseto-monstro, perigosíssimo, podendo cegar as pessoas nas quais se chocar. "Seu ferrão" registrou Osvaldo Orico – "infunde pavor e obriga a todos a se defenderem de suas picadas" (Orico, 1937, pp 129, 131). Trata-se de um hemíptero luminescente, conforme descobriu Marie Sibille Mérian, em 1819, propriedade confirmada pelo entomólogo de Paramaribo, H. Heyde, em 1952, em seu livro Bioluminescence. (*Almanaque Agrícola Chácaras e Quintais*, 1963, p. 122).

Outros representantes dos animais imperfeitos sempre atenazaram o homem. Nesse caso, as pulgas, os percevejos, não incomuns e localizados no interior de abrigos de pouco uso, e no interior das próprias residências.

Mas o Tunga, o chamado bicho-de-pé, no dizer de Oscar Canstatt (Canstatt, 1975, p. 68) é "peculiaridade do país (Brasil) e altamente perigosa." A fêmea do *Pulex penetrans* se enterra nos dedos dos pés, particularmente debaixo da unha, e aí põe grande número de ovos que podem produzir postemas perigosas, a gangrena e muitas vezes a morte de homem e de animais."

É inseto sobremodo incômodo, que a linguagem popular consagrou como bicho-de-pé, criaturinha animal de hábitos nocivos ao homem, diligente aproveitador da exposição de pés e mãos no chão, e muito sensível ao estímulo de certas circunstâncias falta de aeração, luz solar, desasseio. Antigamente surgia com bastante freqüência em casebres abandonados, ou em lugares de pernoite ocasionais. Mas não importunava a quem se resguardasse usando, por exemplo, como repelente, as ramas de Melão São Caetano (*Mmordia Charantia*, Linn) espalhadas pelo chão.

Quero crer que o hábito generalizado no país, pelo século passado, de as pessoas lavarem os próprios pés antes de dormir (ou da refeição da noite), estava vinculada também à precaução contra o assédio das impulsivas pulgas do bicho-de-pé. "Todo mundo, antes de se deitar, lava os pés em água quente", conta Auguste de Saint-Hilaire (Saint-Hilaire, 1938, p. 189) acrescentando no mesmo lugar: "Nas casas ricas um negro, com sua toalha ao ombro, leva a água ao estrangeiro em uma grande bacia de cobre; os pobres, porém, se contentam com uma gamela de madeira."

Há inesperado episódio narrado pelo Barão João Tiago Von Tschudi, suíço, em sua estada no interior de São Paulo, em 1860, a respeito: "Durante o jantar, senti, de repente, que alguém me tirava os sapatos com grande agilidade. Surpreendido, debrucei-me para olhar para baixo da mesa e vi que um negro, munido de grande bacia, prontificava-se a lavar-

me os pés, o que o fez e tornou a calçar-me, procedendo assim com as demais pessoas" (Tschudi, 1980, p. 180).

A prática de lavar os pés, com ou sem cerimonial, perde-se no tempo, elucido. Penélope nem percebeu que se dirigia a Odisseu, seu amado esposo, nestes termos:

> "Sim, tenho em casa uma velha dotada de espírito justo, que serviu de ama a Odisseu, o infeliz, e o criou delicada, desde o momento do parto, a lhe pôr a mãe dele nos braços. Ela, conquanto mais fraca, há de os pés, cuidadosa, lavar-te.".

Quem andava descalço pelos sertões, passeando por armazéns e choças, parando às vezes debaixo de árvores ensombradas, corria o risco de contrair com indesejável freqüência os importunantes bichos-de-pé. Por essa razão -e pela que se explicará logo – os escravos viviam muito vulneráveis ao desadorado inseto. Pelo menos se depreende, pois em meados do século passado as posturas da Câmara Municipal do Icó, em seu artigo 72, explicitava que "escravos, à exceção dos pajens e criados, não poderão andar calçados de sapatos, botinas, Sc., Sc. Os senhores que o consentirem ficam sujeitos a multa." Daí a facilidade de os cativos, àquele tempo, adquirirem o bicho-de-pé, ocorrência que, como tudo parece indicar, além de incomodar, os defeituava. Nesse caso está, a exemplo, de escravinho Marcelino, mulato cozinheiro de 16 anos, que fugiu ao seu senhor em junho de 1870, "os pés indicando ter muito bicho..." (*Jornal da Fortaleza*, 9.06.1870).

Caminhar sem sapatos foi sempre de muito risco para os que viveram entre nós nos séculos passados. Ao tempo dos holandeses, em Recife, "muitos soldados" que "andavam descalços" (às vezes por não haver sapatos nos armazéns da

Companhia), pelos idos de 1683, ficavam inválidos e incapazes de marchar por terem os pés cheios de bichos; – relata José Antônio Gonçalves de Mello. (Mello, 1979, 2a., p. 127).

Os que adentravam o interior, no século XIX, principalmente estrangeiros, ao escreverem a memória de suas experiências em nossa terra, via de regra registravam a presença do bicho-de-pé sob acentuado azedume, tais e quais padecimentos advindos de seu contacto.

Eram em tamanha quantidade esses insetos encontrados no interior das casas, de permeio com as pulgas, que revoltaram a José Mariano, companheiro de Auguste de Saint-Hilaire na viagem empreendida às nascentes do São Francisco, começada em Minas Gerais.

No rancho dos Viajantes, em Registro, na mencionada jornada, o cientista sem se conter acabou por escrever: "fui quase devorado pelos bichos-de-pé." Para cúmulo do azar, não escaparia também das conseqüências. Assim, sofreu a ação de um deles no "index direito" da mão, circunstância que quase o deixou sem escrever naquela ocasião as impressões de viagem (o.c., p. 296).

Mas quem melhor observou e escreveu a respeito foi sem dúvida Auguste de Saint-Hilaire, que demora a atenção numa descrição dos incômodos e da forma como a *tunga penetrans* torna-se hospedeira do homem: "A pulga (bicho-de-pé) penetrante perfura a pele e esconde-se completamente sem deixar perceber, além do orifício que abriu, senão os dois ou três últimos anéis do abdome; a nutrição que absorve a vontade dilata-lhe o tubo intestinal de modo extraordinário; mal penetrou na carne e já não pode sair pela abertura por ela própria feita, adquirindo rapidamente o tamanho de um grão de cânhamo, ou mesmo de ervilha. Nesse estado, o inseto apresenta um aspecto completamente diferente, e seria incapaz de mudar de lugar; mostra-se então um globo

embranquecido, achatado, apresentando em cada uma das faces uma proeminência pardacenta pequena; a face superior é formada pelos últimos anéis do abdome, e a proeminência da face inferior pela da cabeça e tórax, que não sofreram distorção. Uma ligeira comichão...", e se instala insuportável vexame, dizemos nós, em quem o hospeda (Saint-Hilaire, 1938, Tomo l, pp. 46-47).

Carls Seidler, alemão "agenciador de colonos e soldados" como o identifica o cel. F. de Paula Cidade, a nos visitar em 1835, deplorou:

> "A natureza, cuja história secreta nos continua vedada, também aqui apresenta bastante outros males. É singular que especialmente os insetos tenham sido inoculados do pendor e do poder para o despotismo, de maneira que o homem, com toda a sua glória de liberdade, é tiranizado pelos mais ínfimos bichos da terra, que ele encara com desdém. Uma dessas pragas da terra, em todo o Brasil, inclusive na 'divina capital', é a pulga da areia (*pulex penetrans*) que os naturais do país chamam de 'bicho-de-pé" (Seidler, 1976, p. 69).

O indesejado hóspede dos pés (não raro das mãos), é mais conhecido do que podemos imaginar. Richard Burton, ao mencionar o problema, registrou a presença do "bicho-de-pé" (em inglês: *Jigger*) "imortalizado" numa canção negra:

Rose, Rose, lubly Rose,
I wisch may be figgerer if don't lub Rose.

Narra igualmente que viajantes mais precavidos não andavam descalços. E repete seu colega Southey, a informar:

as pessoas lavavam "cuidadosamente os pés todas as noites como o melhor preservativo contra as *chiguas* (bicho-de-pé)."

Burton acrescenta mais: "Os tupis chamam-no *tumyra*. Os espanhóis preferem *nigua* e *chigua*, donde os franceses tiraram *chique*, e o termo chegou até nós (ingleses) sob várias formas: *chigre*, *cheger, chegre, chegoe, chiga, chigos, chiger,* e, finalmente, *jigger*."

Mas os imperfeitos dão, e como dão, sua contribuição ao homem do campo. O embuá é aproveitado como isca na pesca, quando falta minhoca; o grilo, outro incrível importunador à hora do sono, é meizinha muito recomendada para aliviar os incômodos de urina presa. Carrapato, esmigalhado em pano até tintar de sangue, aplicado na "direção de dente cariado", faz desaparecer a nevralgia. A substância da casa do besouro, conhecido por "busca-vida", diluída n'água e aplicada em área de pescoço comprometida pela parotidite – a cachumba sertaneja; alivia; chá de barata, torrada, é de pronto valimento no tratamento de cólica intestinal de crianças... (Campos, 1967).

Outro exemplar dessa família de indivíduos pouco aceitos pelo povo, que, em certas circunstancias, os combate a pretextos múltiplos (repulsa, receios, abusões etc.) é o morcego, explicado na sabedoria popular como nascido de ratos malfazejos, pela semelhança que esse quiróptero guarda dos últimos. Seguem-se-lhe, na exclusão de sentimento de afeição, os gafanhotos. "Em Salgadinho (Pernambuco) apareceram alguns maiores do que morcegos. .. Vozes santas, entre as quais a do Pe. Cícero, disseram que os gafanhotos 'são os membros do demônio'" (Bradesco-Goudemand, 1982, p. 14).

No mesmo lugar a autora lembra folheto de José Soares e Francisco Sousa Campos, "Abelhas, Morcegos e Grilos Sugando a Humanidade", livreto "baseado também em fatos reais: uma invasão de grilos de 'dentes' afiados, de morcegos

e de abelhas africanas que não poupam nada, nem animais, nem gente" (idem, p. 142).

A fome, em determinadas circunstâncias, parece funcionar como boa orientadora do homem. Desse modo, não difícil ver o ser humano aproveitando inusitada alimentação zoomorfa, que se imagina originar-se de situações de extrema falta de provisão. Assim, termina acostumado, por exemplo, ao repasto de escorpiões, de minhocas cruas, aranhas, e, dentre essas, a caranguejeira, artrópode dado por petisco saboroso, assado e polvilhado de sal (Mello Leitão, 1953, p. 169).

Isso, objetará o leitor, será ocorrência de lugares distantes (ilhas remotas). Mas os "imperfeitos" também entre nós acabam sendo deglutidos vorazmente. "Dos insetos não há nenhum, por mais repelente, que o homem não coma. Nem o piolho, o nojento piolho escapa. Dos índios da Serra do Norte diz Roquette Pinto: 'De um modo geral pode dizer se que os Nahambiquaras comem tudo; um mosquito que apanham sobre o corpo, um *piolho* (grifamos), um gafanhoto, uma lagartixa..." (o.c., p.170). Nada escapa ao homem, quando a fome aperta". Nem os cupins, apreciadíssimos pelos Araruaques." (idem, p. 176).

Entusiasmado pela disposição com que os mandacarus consumiam "lagartas, bichos-de-coco e algumas formigas e certos insetos como cupins" no século passado, o etnólogo F. S. Hart comeu cabeças de saúva, manifestando-se a respeito: "Quando o inseto ficou esmagado entre meus dentes, a minha boca ficou invadida por um sabor de especiaria, assemelhando-se um pouco ao cravo" (Santos, 1987, p. 87).

Resta de tudo a impressão de que o homem dos sertões nem sempre sabe distinguir os animais de sangue frio dos que os têm quente. Luís da Câmara Cascudo anotou a respeito: "O sertanejo ensina que as cobras se dividem em duas seções: cobras de sangue frio, que são as

venenosas, e as cobras de sangue quente, que não o são" (Cascudo, 1956, p. 71).

Mas os imperfeitos, malquistados, temidos, amedrontantes ou simplesmente deglutidos pelo homem, acabam aproveitados para substituir os ensalmos que adestram ou protegem o vaqueiro no trato de gado rebelde.

Getúlio César ouviu de vaqueiro pernambucano Cícero Romão curiosas indicações de como adentrar-se na caatinga, ainda que de noite, e submeter o boi brabo:

> "Mata-se um urubu em uma sexta-feira e enterra-se numa encruzilhada do camim, adepois de sete dias se desenterra o urubu e se encontra na cabeça dele três tapurus, sendo um branco, outro escuro e um outro preto. Tira-se os tapuru, enrola-se bem enrolado, adispois, bota-se em saquim de couro e se guarda em um lugar que ninguém veja. E quando se vai campeá, leva-se o saquim no bolso do gibão. O tapuru preto é pra se campeá de noite, o escuro é pros cafús e o branco é pra se corrê de dia..." (César, 1941, p. 81).

Ainda no capítulo de interesse aos seres de sangue frio, por oportuno lembrar em seus aspectos curiosos o que foi a questão levantada pelos "religiosos de Santo Antônio", no Maranhão, intentando "ação de força às formigas ou às saúvas para as fazer despejar da sua cerca", como conta, a repetir documentos dos dias de 1713, o erudito autor da "Crônica do Brasil Colonial", aí narrado que o Procurador da dita ordem deu "libelo contra as formigas" indesejáveis, no que foi contrariado pelo "procurador daquele negro e miúdo povo", a alegar que "elas, uma vez recebido o benefício da vida por seu Criador, tinham direito natural a conservá-lo por aqueles

meios, que o mesmo Senhor lhes ensinara. Item, que na praxe e execução destes meios serviam ao Criador, dando aos homens os exemplos das virtudes que lhes mandara; a saber, de prudência acautelando os futuros, e guardando para o tempo da necessidade: *Formica populus infirmus qui praeparat in messe cibum sibi* (Prov. 30,26), de diligência ajuntando nesta vida merecimento para a eterna." E empós outras tantas e pertinentes citações piedosas, em bom latim, acrescentado que "eles (os religiosos) eram irmãos mais nobres e dignos, todavia diante de Deus também eram umas formigas..."

Ao arrastar do questionamento, com réplicas e contra-réplicas, restou finalmente a sentença para que "fossem obrigados" os frades "a assinalar dentro de sua cerca sítio competente para vivenda das formigas, e que elas sob pena de excomunhão mudassem logo habitação, visto que ambas as partes podiam ficar acomodados sem muito prejuízo, maiormente, porque estes religiosos tinham vindo ali por obediência a semear o Grão Evangélico, e era digno o operário do seu sustento, e o das formigas podia consignar-se em outra parte, por meio de sua indústria, a menos custo" (Lisboa, 1976, pp. 426, 606 e 607).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABBEVILLE, Claude d' – *História da Missão dos Padres Capuchinhos no Maranhão*, Tradução de Sérgio Milliet, apresentação do Prof. Dr. Mário Guimarães Ferri, Editora Itatiaia Ltda., Belo Horizonte, 1975, 300 p.

BARROS JÚMOR, Francisco – *Caçando e Pescando por todo o Brasil*, Cia. Editora Melhoramentos, São Paulo, 2ª edição, 240p, 1z série, 1981; *Caçando e Pescando por todo o Brasil*, Cia. Editora Melhoramentos, São Paulo, 2ª edição, 6ª série, s.d.

BRADESCO-GOUDEMAN, Yvone – *O Ciclo dos Animais na Literatura Popular no Nordeste*, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1982.

BURTON, Richard – *Viagens aos Planaltos do Brasil*. Tradução de Américo jacobina Lacombe, 2ª edição, Fundação Nacional do Livro – Fundação Nacional Pro-Memória, Cia Editora Nacional, Brasiliana, vol. 375, São Paulo, 1982, 392 p.

CAMPOS, Eduardo – *Medicina Popular do Nordeste*, 3ª edição, prefácio de Luís da Câmara Cascudo, posfácio de Fran Martins, ilustrado, Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1967, 148 p.

CANSTATTT, Oscar-Brasil, *Terra e Gente*, trad. de Eduardo de Lima Castro, il. de Israel Cysneiros, 3ª edição, O Cruzeiro, Rio de janeiro, 1975, 305 p.

CASCUDO, Luís da Câmara – *Tradições Populares da Pecuária Nordestina*, ilustrado, Doc. da Vida Rural, nº 9, Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, Rio de Janeiro, 1956, 78 p.

CASTELLO, José Aderaldo – *O Movimento Academicista no Brasil* – 1641 1820/12, vol. l, t. 5. Cons. Estadual de Cultura, SP., 1971, 380 p.

CÉSAR, Getúlio – *Crendices do Nordeste*, pref. de Gilberto Freyre, Irmãos Pongetti Edit., Rio de Janeiro, 1941, 208 p.

LATIF, Miran de Barros – *O Homem e o Trópico* (uma experiência Brasileira), Liv. AGIR Edit., Rio de Janeiro, 1959, 236 p.

LISBOA, João Francisco – *Crônica do Brasil Colonial* (Apontamentos para a Hist. do Maranhão), introdução de Peregrino Júnior e Graça Aranha, Petrópolis, Editora Vozes Ltda., Inst. Nac. do Livro, 1976, 632 p.

MELLO, José Gonsalves de – *Tempo dos Flamengos*, edic. do Banco do Nordeste do Brasil, 2ª edição, ilustrado, Recife, 1979, 298 p.

MELLO-LEITÃO, C. de – *A Vida Maravilhosa dos Animais*, Cia. Edit. Nacional , ilustrado, c. prefácio, 1935, 261 p.

MOREIRA, Carlos – *Entomologia Agrícola Brasileira*, Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, Imp. Nac., 1921, 184 p.

ROOSEVELT, Theodore – *Nas Selvas do Brasil*, tradução de Luiz Guimarães Júnior, Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1943, 330 p.

SAINT-HILAIRE, Auguste – *Viagem pelas Províncias de Rio de janeiro e Minas Gerais*, tradução e notas de Clado Ribeiro Lessa, ilustrado, Cia. Editora Nacional, Rio de Janeiro, 1938, 380 p.

SANTOS, Eurico – *História, Lendas de nossos bichos*, ilustrado do autor; Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1987, 168 p.

SEIDLER, Carls – *Dez Anos no Brasil*, tradução e notas do Gen. Bertold Klinger; notas do Cel. F. de Paula Cidade, 3ª edição, Editora Martins – Ministério da Educação e Cultura (MEC), São Paulo, 1976, 324 p.

SPIX J. B v.) & MARTIUS (K.F. Phil. v.) – *Viagem pelo Brasil*, tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer, anotações de Basílio Magalhães, 4ª edição, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1950, 328 p.

TAUNAY, Afonso de E. – *Relatos Monçoeiros*, Editora Martins, Belo Horizonte, com introdução, coletânea e notas do

organizador, Editora Itatiaia Ltda., Belo Horizonte, 1981, 296 p.

TSCHUDI, J. J. – *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*, tradução de Eduardo de Lima Castro, introdução de Afonso de E. Taunay, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1980, 224 p.

Outras Fontes

Três Documentos do Ceará Colonial – 1. Relação do Maranhão, Luiz Figueira; introdução, notas e comentários de Th. Pompeu Sobrinho; 2. *Relação do Ceará*, Martim Soares Moreno, introdução, notas e comentários de Raimundo Girão; 3. *Diário de Matias Beck*, introdução, notas e comentários de José Aurélio Saraiva Câmara, Departamento de Imprensa Oficial, Fortaleza, 1967, 298 p.

Almanaque Agrícola Chácaras e Quintais, São Paulo, edição do mês de julho de 1963.

Jornal de Fortaleza. Fortaleza, CE, edição do dia 9.06.1870.

CAPÍTULO II

A PRESENÇA DE SERES FANTÁSTICOS E FORMIDÁVEIS; AS CRENÇAS, BICHOS E PRESSÁGIOS

O HOMEM, em dado momento de sua existência, alimenta-se do que consegue capturar nas primeiras ações venatórias; e nos leva a supor que, ao longo do tempo, enquanto se aprimora na condição de luta pela sobrevivência, mais se compenetra da importância assumida na postura e prática do exercício da caça, a compreender também estar a tarefa, de garantir seu sustento, ligada a melhor entendimento de como os animais, passíveis de apreensão, se comportam.

V. Gordon Childe, ao analisar o que denomina de "selvagenria paleolítica", vê o "primeiro capítulo da história humana" (...) "ainda entretecido com a História Natural" em recuado tempo, quando "idealizados ritos mágicos destinados a assegurar o abastecimento de alimentos, a promover a multiplicação dos animais e êxito na caça." (Childe, 1981, pp. 29 e 43).

E muito por diante vem momento em que o homem em estado selvagem "age como se julgasse que, com feitiços e ritos, pudesse dirigir os fenômenos naturais, hoje sabidos por impossível controlar pelo menos com tais métodos." (o.c. p. 49).

Mas em verdade sejam por quais razões apresentadas, simplesmente materiais ou espirituais, "as zonas de caça e

pesca e os alimentos nelas obtidos 'passam a prevalecer' de propriedade e utilização comum." (idem, ibidem).

Com o desfilar dos séculos o homem aperfeiçoa a técnica de lidar com os animais, quer pelos artifícios da caça, quer pelos da pesca. Assim, no decorrer de vários períodos da evolução da humanidade, lembra Luís da Câmara Cascudo, vão surgindo armas (ou artefatos de captura) mais adequadas àquela finalidade. Amplia-se a ação mortífera do dardo e da javalina. E já nos tempos madalenenses, "o arpão é arma poderosa", assim como "existem silvos, apitos, *chamas* para aves, flautas mágicas que os feiticeiros, vestindo peles de bichos, sopram, atraindo abundância nas caçadas futuras e presentes." (Cascudo, 1983, p.292).

Também aí mencionadas outras "armas maravilhosas, o arco e a flecha alcançando a caça bem longe, como prolongando o braço humano em sua vontade letal. Os dardos têm propulsores que os atiram bem distantes. Os propulsores vieram antes dos arcos. Os nossos cariris ainda empregam propulsores no século XVII." (idem, ibidem).

Vê-se que, por tais avanços de engenhosidade técnica, os animais acabam tomando posição de relevo para o homem, não só por se lhe tornarem indispensáveis à alimentação ou à sua complementação, mas sobretudo pelo fascínio que passam a exercer, levando-o inclusive a imitá-los na técnica de emboscadas, de lutas, circunstância que o faz jactar-se, em determinadas ocasiões, de atitudes e ações assemelhadas a esses irracionais. Assim, contentado por vigiar o inimigo "como um zorro"; "de atacarlo como um tigre y de esquivarlo como una liebre." (Molina Téllez, 1947, p. 163). E no caso nordestino: ligeiro como uma piaba; liso que só muçu, feroz que só piranha etc., etc.

Por tais sentimentos as velhas civilizações – apensa o mesmo escritor – adoravam os animais não pelo que eram,

mas pelo espírito "que para ellas (civilizações) representaron. concedido por las relaciones animistas que con ellos mantenfan." (o.c., p. 163).

No Brasil, a inícios da nossa colonização, os "espectros noturnos e demônios selvagens" acodem aos silvícolas, a amedrontá-los. Destacável, dentre estes, o Curupira, ao qual referiu o Pe. Anchieta dando-o por tinhoso em acometer aos índios inflingindo-lhes açoites, machucando-os até à morte. Nessa ordem de seres fantásticos, ou de animais formidáveis, quais o Baetatá ou Boitatá, o Igpuriara.

Somos supersticiosos desde esses tempos.

"A superstição" – anota Barbosa Rodrigues, em quem nos respaldamos – "companheira quase inseparável da lenda, transforma esta, e em vez de deleitar o espírito, o acabrunha e o exalta."

Não tivemos lendas, diz ainda aquele estudioso, mas apenas crenças. "Entre o gentio o viajante não ouve uma lenda; não vê o pavor, nem pressente a influência do medo. Entretanto, entre o tapuio, assentado à sua rede, passa o viajante as noites, entretido, ouvindo histórias de crenças plantadas outrora pelos invasores, que o tempo modificou, coloriu e tornou romanescas, inutilizando a inteligência indígena. Não é uma história, não é um conto, é uma verdade, uma realidade" (Cascudo, s.d., p. 155).

A presença do fantástico não se ausenta desse narrar de expressiva transmissão oral. E em tudo, pessoas e animais confundem-se: a Yara é metade peixe, metade mulher; o Jurupari anima-se do poder de transformar as pessoas em animais, geralmente cervos.

O jaburu, em mito Karajá, colhido por Fritz Krauss e repassado por Herbert Baldus (Baldus,1937, pp. 204, 205) é personagem de evidência ao lado do carcará. "O pai dos Karajá é Deus (Kinoxiwe). O mundo estava nas trevas. Deus

engoliu ar, então ficou com a barriga grossa; estava deitado no chão. Veio o jaburu. Depois veio a ave pequena carcará e sentou-se ao lado. Disse: vamos comer. O outro disse: Espere até mais tarde. O jaburu fez voltas por cima. A pequena ave disse: Ele está morto. O jaburu disse: Não, ele está vivo. O jaburu voou ainda ao redor. Depois sentou-se na barriga de deus. O deus agarrou-o e ficou vivo. Obrigou o jaburu a trazer luz; porque ainda não havia luz. O jaburu trouxe uma luz pequena. Deus disse: Não, quero outra. O jaburu trouxe uma luz maior, a lua, e perguntou: É esta? Deus disse: Não, quero outra. Então o jaburu trouxe o próprio sol e tudo ficou na claridade do dia" etc. (idem, ibidem).

Não de raro a ocorrência de homens-bichos quais a mulher-mutum, mulher-periquito, homem jacu, como se nos depara no mito "o incêndio universal", quando depois do fogo "outros homens e mulheres ficaram na terra, tendo de esconder-se em covas. Assim aconteceu depois que a terra acabou de arder, e um velho apareceu transformado em jacaré; uma velha, em tamanduá; outros entes em veados, avestruzes, raposas etc. (o.c., p. 1219). O Curupira, duende protetor da mata, percorre-a cavalgando um veado ou um coelho. E até usa o casco de jaboti para bater nas árvores, afugentando a tempestade. No Ceará – documentou Osvaldo Orico – esse curioso ser "muda de aspecto, perde o pelo do corpo, que se transforma em cabeleira de cabelos hirtos; apresenta dentes afiados como os dos guaribas e os olhos em brasas; sempre que sai dos matos da serra, monta num caititu, com uma chibata de iapecanga na mão" (Orico, 1937, P. 77).

Os animais, vale referir ainda, estão permanentemente lembrados na elaboração de crenças míticas. Mais perto de nós, Herbert Baldus deparou entre os Boróro "dois mitos de origem (*ursprungsmythen*), cujos elementos são muito espalhados neste continente. Uma moça da tribo casa-se com o

jaguar." Noutro mito Boróro "o homem sobrevivente, depois da grande enchente que destruiu tudo, povoava novamente a terra por meio de casamento com uma veada. Por isso, hoje, em geral, se evita comer carne de veado. Os Boróro crêem que adoeceriam se a comessem. Só em raríssimos casos a magia de um bari especialmente poderoso é capaz de tornar comestível essa carne" (Baldus, 1937, pp. 161, 162).

Dos Tapirapé o etnólogo aproveitou versão de narrativa sobre o "incêndio universal." Novamente, no curso do mito, figuram os animais de aceitação mágica da tribo, senão vejamos: "Todos os Tapirapé tinham morrido. Numa velha casa de dança havia um buraco grande com fogo, no qual todos tinham morrido. Dois homens jacu, uma mulher-mutum e uma mulher-periquito estavam numa velha cabana" etc. (Baldus, o.c., p. 219).

O nome de um Boróro, Aipobureu (muito clara a dependência totêmica, a significar "jaguatirica ou gato do mato grande" (*Felis pardalis*), educado pelos salesianos, sem se conter em sua inclinação atávica, um dia resolve retornar à "religião de sua tribo", ciente da regra do próprio clã: "ser homem, quer dizer ser caçador e lutar com a onça; (e) tornou-se inteiramente caçador. Ou pelo menos quis tornar-se perfeito caçador" mas fracassou. Já não possuía a condição de enfrentar e vencer as feras. Desse modo, não se houve mais como abatedor de animais, caindo-lhe daí por diante a família em miséria. "Não é de admirar" – conclui Herbert Baldus – "que a mulher o abandonasse por outro..." (o.c., pp. 169,170).

Possível aceitar: só de raro o animal não comparece como personagem aos mitos dos aborígines brasileiros. Por extensão em toda a América, lembra Félix Molina Téllez, os animais "tienen un papel importante en la vida de la comunidad." Na Argentina, através de "el casamiento entre animais" se dão graças pela boa colheita (o.c., p. 162, 165).

No mito de origem dos Tumerehá, tanto os Chamacoco como os brancos sobem de debaixo do chão à superfície por fio logo cortado por um cão. "Por isso, mais tarde, os Chamacoco e, com eles, os brancos e os outros homens subiram por meio de um pau para o céu, onde há mais caça..." (o.c., pp. 194). Noutro mito os heróis são encarregados de "buscar o sol, que era propriedade do urubu vermelho ou urubu-rei" (o.c., p. 145).

Incidem na mítica aborígine o sapo, a anta, pássaros; do mesmo modo o veado, o cachorro do mato, a onça pintada, o gato do mato, a avestruz, a seriema, o jaburu, o jacu, peixes, jacarés etc., etc. Típica desse narrar a história do tamanduá, colhida pelo Padre Teschauer:

> "Os ciganos costumavam fazer todas as noites grandes fogueiras para *espantar* a treva. Não havia, então, animais. Todos tinham sumido na inundação. A arca de Noé não passou por aí para salvá-los. Então o Cadjurucré aproveitava para fabricar os animais do mato. Assim fez a onça, o javali, o veado, o macaco, o tatu, a cobra, o besouro, a coruja, a preguiça, e foi dizendo a cada um deles o que devia comer para se alimentar.
>
> Depois ensinou a onça a rugir; o veado, a correr; ao macaco ensinou como devia pular; à preguiça, o meio de não trabalhar; ao tatu, como devia esconder-se; à cobra, de como devia enroscar-se; à coruja, como devia piar. E assim por diante.
>
> A fogueira continuava acesa. Do carvão e da cinza, que ficaram no chão, Cadjurucré prosseguia o seu trabalho de fabricar os animais do mato.(...) o mato ficara cheio de bichos. Havia animais de todas espécies.(...) De tanto fazer bicho, Cadjurucré já estava cansado. E disse consigo:

– Bom, esta é a última noite em que trabalho. Toca a aproveitar a escuridão do tempo e a cinza da fogueira, porque, de manhã em diante, não faço mais nada.

E deu inicio a um animal novo. Fez um corpo muito comprido , coberto de pelo, pôs-lhe uma cauda longa, arranjou-lhe uns pés, umas unhas fortes e inventou uma cabeça pontuda, com um pequeno lugar para a boca.

Era um bicho mesmo muito esquisito.

Mas, justamente no momento em que ia completar o animal, veio a madrugada e a fogueira apagou. Não podendo trabalhar com a luz do dia, o espírito teve de arranjar um jeitinho. O animal estava incompleto; não tinha ainda nem língua, nem dentes. E não havia mais um tiquinho de carvão ou de cinza na fogueira. Então, que fez o espírito? Pegou uma varinha fina, que estava ali perto, meteu-a na boca do bicho e disse:

– Anda, vai-te depressa, que o dia vem chegando.

O bicho protestou:

– Mas o que vou comer, se não tenho dentes?!

O espírito foi e disse ao animal:

– Por não teres dentes, vais comer formigas.

Assim apareceu no mundo o tamanduá".

(Orico,1937, pp. 237, 238 e 239).

Repete-se essa inspiração mítica zoomorfa. E não faltam as lendas como a do homem e do veado, em que o primeiro elege a fêmea do cervo para mulher, e termina deste modo narrada: "Daquele momento em diante (da união dos dois) a veada esteve com ele (o homem) e nunca mais se separou." (Baldus, 1937, pp. 177-178).

Nos mitos Karajá a participação da fauna é flagrante. Não estranha a presença de urubus – de todos os tipos, inclusive brancos; e desse modo, carcarás, urubus-rei, papagaios, piranhas, mutuns, jaburus etc., etc.

Vai restar então, de tantas legendas de sabor primitivo, misterioso, o prevalecimento de superstições que confluem para marcar as ações dos que, mais perto de nós, habitam pelos sertões ou florestas em contacto mais direto com a natureza.

No tocante vige o saruá, espécie de influência ou ação má que "alguém pode produzir ainda que de longe" na pessoa atingida. A mulher grávida é tida por saruá, conta Ermano Stradelli, principalmente para os índios (Cascudo, s.d., p. 294), sentimento ou receio que alcança por igual a população sertaneja do Ceará, a considerar fatal a visita de mulher grávida a picados de cobra venenosa.

Como refere Stradelli "saruá são todas as fêmeas grávidas, pelo que é obrigação estrita do caçador, que as encontrar, deixá-las ir em paz, sob pena de se tornar panema e nunca mais voltar a ser caçador afortunado." (Cascudo, o.c., idem, ibidem).

Panema, notadamente na área da Amazônia, é influência negativa de espíritos, ou algo assemelhado que prejudica as ações do homem, tornando-o em última análise sem sorte, azarado.

Charles Wagley anotou: "Um caçador ou pescador que tem fracassos sucessivos que não podem ser explicados por causas naturais, atribui-os à panema, força maligna que se apodera da pessoa." (...) "A mulher grávida que come caça ou peixe pode transmitir panema ao caçador ou pescador que os apanhou. Um homem poderá apanhar panema de algum amigo com quem esteja aborrecido por causa de desavença em questões de alimentação" (Wagley, 1977, 91-92).

Percebível em muitos casos dessa natureza ser a "sombra" dos indivíduos algo apropriável para efeito do malefício. Daí o sentido de *proteção à sombra* alcançar o sertanejo do Nordeste, que detesta ver alguém pisar a que vai fazendo no chão, quando caminha.

Mas quem provoca panema, quem tenta arrebatar a sombra das pessoas... é outra sombra, um fantasma, o Anhangá, que se disfarça muitas vezes nas nambus perseguidas pelos caçadores desprevenidos.

Em *Iracema*, José de Alencar registra a influência malsã do indesejável avantesma. Ao deparar o guerreiro, que se aproximara furtivamente, a "virgem dos lábios de mel" exclama: "– Anhangá turbou sem dúvida o sono de Irapuã..." (Alencar, 1965, p. 203).

Anhangá pode estar escamoteado num peixe, na tintureira (*Prionodon glaucus*), em cujo corpo se vendo refletido, o infeliz pescador vai-se perdido para as profundezas do mar... (Cascudo, 1984, p. 752).

A idéia de os animais, pelo menos alguns destes, serem portadores de condições indesejáveis ao homem, é evidente nas abusões alimentadas pelo povo em sua ingenuidade. E por certo não estranhável se descobrir, nas atitudes dos animais, não raro avisos de circunstâncias especiais que podem funcionar ou não a nosso favor.

Desse modo, no Ceará, onde graúna voando sobre o telhado de casa funciona como mensageira de más novas; "canto de galo em noite escura" avisa infelicidade. O de "anum branco" pressagia morte. E sob igual vaticínio o vôo da borboleta, ou do beija-flor; conforme recenseou o Barão de Studart (Cascudo, s.d., p. 299 e ss.).

Cumprem-se na coletividade interdições especiais: assim, não recomendado o abate da lavandeira (*Floricula climazura*, W.), avezinha que a tradição refere ter lavado as

roupas de Nossa Senhora. Vedado alvejar-se urubu, pois o procedimento acaba penalizando o caçador, tornando-se-lhe inutilizada a arma para o exercício cinegético.

A última crendice percorre todas as Américas.

Na Argentina, conta Félix Mollina Télez, "el cuervo negro de las missiones annuncia lhuvia. No se puede matar, porque la escopeta que le apunta se descompone." "O folclore de las regiones missioneras", acrescenta o referido autor, arrimado em Ambroseti, consigna: "Al puma o león, no puede matár-se con arma de fuego." (Mollina Téllez, o.c., pp. 165, 205).

O canto do acauã, "lúgubre e arrastado gemido", sob a observação de Osvaldo Orico, "deflagra uma enfermidade nervosa que se conhece pelo nome de 'canto de cauari. O indivíduo atacado vive a repetir mecanicamente o grito soturno e melancólico. Apontam-se vários casos em Faro e Paratins. Tais manifestações, semelhantes às que produz certo gavião no arquipélago nipônico..." (Orico, 1937, p. 20).

Paulino Nogueira registrou: no Ceará os índios traduziam no canto da acauã a informação de que receberiam um aguardado visitante, ou, por tal meio explicado, o tempo em que este demorava em sua jornada.

Outro pássaro possui canto pressagiador; o carão (*Ardes scopacea*, L.), muito festejado pelos interioranos do Nordeste do Brasil, por anunciar a proximidade de chuvas. Já o oitibó, espécie de coruja, de canto lúgubre, metia medo nos fndios. O tatu (principalmente o tatu-bola) é tido e havido como pactuante com o demônio. Citando E. Liais, Paulino Nogueira escreve que "mais de uma hora depois de morto, já separado do corpo, o casco se fecha bruscamente ao ser tocado por um escapelo." (Nogueira, *Revista do Ceará*, 1887, p. 443 e ss).

Está repassado no trabalho de Paulino Nogueira ("Vocabulário Indígena" igualmente a informação de o urubu-rei subir "além das nuvens, e que as flechas ornadas com suas penas não erram o alvo..." (o.c., p. 429).

A influência ibérica, por intermédio da presença luso-hispânica que entre nós se juntou à de origem ameríndia e negra, concorre para a estocagem de folclore dinamizado e revigorado principalmente nas narrações que se transmitem oralmente pelo Nordeste, e repontam com detalhes ou maior evidência na literatura de cordel.

Seres estranhos, misteriosos, excitantes, portadores de dons especiais, ora confundidos com criaturas humanas, mas sempre artistas da astúcia, fazem a cercadura vivenciada das crianças, particularmente pelos sertões do Nordeste, onde não de raro o animal, o "bicho", é participativo da extensão familiar de suas próprias vidas.

Aduza-se: e "entendidos" pelo povo, através da palavra e canto de seus versejadores populares, como criaturas que agem quais seres humanos, cada qual com a sua característica própria e exercício profissional, a se vê a exemplo na inventiva do poeta popular Luís Dantas Quesado, recenseada por Leonardo Mota (Mota, 1962, pp. 148, 149):

"Vi um teú escrevendo
Um camaleão cantando,
Uma raposa bordando,
Uma ticaca tecendo,
Um macaco velho lendo,
Cururu batendo telha,
Um bando de rã vermelha
Trabalhando num tissume,
Vi um tatu num curtume
Cortando couro de abelha.

Vi um quati marceneiro,
Vi um furão lavrador,
Vi um porco agricultor
E um tibu velho ferreiro...
Um veado sapateiro,
Caitetu tocando buso,
Punaré fazendo fuso,
Aranha tirando empate,
Vi um besouro alfaiate,
Cortando roupa de uso.

Vi um peba fogueteiro
Soltando fogo do ar,
Vi papa-vento mandar
À rua trocar dinheiro;
Carrapato redoleiro
Comendo farofa pura,
Um bando de tanajura
Empregada num café,
Vi um percevejo em pé
C'um grajau de rapadura."

Em decorrência da herança mítica, se assim possível mencionar, os animais chegam aos nossos dias, e ao homem do campo, marcados por qualidades que os diferenciam. Há os que simbolizam vigor físico, destreza, valentia; outros, sabedoria, prudência por diante. Vale referir o exemplo da história d"'O Casamento da Raposa com o Veado", cordel de Minelvino Francisco Silva: "O veado apaixona-se pela raposa, e a desposa, malgrado a oposição do pai, que deplora essa união com pessoa tão sem vergonha, viciada na cachaça, deixando de lado tantas corças encantadoras. A festa do casamento se realiza. reunindo a raposada e a veadagem, dirigida

pelo padre tamanduá, imponente em sua marcha lenta e solene. A festa acaba mal, como costuma acontecer muitas vezes nas festas populares em que corre muita cachaça e retumba a batucada. As raposas embebedam se, os caçadores chegam e as massacram com seus cães, enquanto os veados fogem e o futuro marido solta um suspiro de alívio: É muito certo o ditado: cada qual com os seus iguais." (Bradesco-Goudemand, 1982, p. 131 e ss.).

Narrações desse tipo fazem o encanto das pessoas simples; o povo é sensível às manifestações de sua natureza circundante e do mundo sobrenatural que os envolve, de padagogia renovada na oralidade dos mais vividos.

Histórias muitas vezes alongadas, constituídas de episódios distintos, como se de dentro de um conto outro mais se fizesse – escrevi antes. A narração obedece a uma cadência triplicadora universal, técnica esclarecente que inspira movimento, continuidade, e, ao mesmo tempo, vira refrão a aliciar a atenção de quem escuta. Assim, ouve-se: "O homem foi andando, andando, andando..." Ou, "voltando para casa, armou a rede, dormiu, dormiu, dormiu..."

Persistem no sertão as estórias de animais; do bode e da onça, um ajudando ao outro, sem o saber, no levantamento de nova moradia, ocorrendo ao final o elemento surpresa; do jabuti intrometido que vai à festa organizada no céu, mas, ao voltar despenca-se na terra, ficando de casco estilhaçado, diferente do que exibia antes, lindo de ver (Campos, 1980, p. 21).

Contos que se repetem, e, quando menos se espera, tomados por narrações privativas do nosso ecúmeno, deparâmo-los reeditadas noutros lugares distantes. Desse modo a desventura do sapo (repetindo a infelicidade do jaboti), a se meter na viola do urubu, sem que este perceba, indo participar de uma festa celestial. Do instrumento emborcado, propositadamente, o batráquio despenca-se ao chão, ficando então

com o "couro cheio de remendos." Em narrativa de curso em antologia para estudantes primários da Argentina, o urubu é substituído pela águia. Cenário idêntico ao da história encontrada pelos sertões "desde muy alto."

Queda realmente desastrada. "El golpe fué terrible y el cuerpo se llenó de heridas. Las cicatrices son las manchas que han quedado para siempre en la piel del sapo." (Coluccio – Schianf fino, 1948, p. 274).

Contos, fábulas, histórias, crenças, superstições; – todo um contar e recontar que gira com ênfase, pelo Nordeste, em torno de animais.

Nisso, cumpre a região a tendência da adoção de folclore nitidamente nacional, que sempre dispôs de "um sem-número de bichos mais ou menos fantásticos, o que não tem nada de surpreendente num país onde a fauna é tão rica", anotou Ivone Bradesco-Goudemand (o.c., p. 90)

O povo observa e apreende à sua maneira, exagerando o que entende por manifestações da "sabedoria" (leia-se: inteligência) dos animais, que contempla. Assim, sabe destacar a ação do teiú, que picado por cobra se vale de batata tomada a uma planta do mato, para curar-se; comenta e aplaude o macaco, molhando a cara com a própria urina, para se apossar do mel de uma "caixa" (ninho) de marimbondos etc., etc.

Fatos dessa natureza também impressionam os eruditos. Robert Southey, em *História do Brasil*, consignou: "Quando o rio se espraia, deixam-lhe os peixes o leito em busca duma certa fruta; apenas sentem cair nágua, correm a apanhá-la quando vem à tona, e na sua avidez saltam ao ar. Sugeriu este hábito um curioso estratagema à onça; trepa a algum ramo debruçado sobre as águas, ferindo-as de vez em quando com a cauda, e imitando assim o som que ao cair produz a fruta, e quando o peixe salta para apanhá-la, é a onça que com a pata o apanha a ele" (Southey, 1965, v. I, p. 147).

O guaxinim, conta Câmara Cascudo em nota de pé de página na tradução de *Travels in Brazil*, "põe a cauda no buraco do caranguejo, espera que esse agarre com suas patas e então, num brusco safanão, sacode longe o crustáceo. Depois de gemer, lamentar-se e lamber a cauda, o ' aproveita a caçada" (Koster, 1942, p. 419).

Nessa ordem de argúcia animal, de certa "inteligência" – se possível mencionar de tal forma – destacam-se os papagaios na área nordestina, que entram para o anedotário popular com divertidas estórias, às vezes também surpreendentes.

O folclorista Nery Camello, chegando a uma fazenda em Assú, no Rio Grande do Norte, pelas seis da tarde, ouviu "um papagaio, preso pelo pé a uma corrente" em casarão sertanejo, cantar:

"Quem passa?
É o rei que vai à caça
Com três cachorros de raça..."

(Camello, 1989, p. 30)

Ave, a "mais conhecida de todo o mundo", no dizer de Paulino Nogueira (ver *A Quinzena*, 26 de agosto de 1887, páginas 3 e 4); no mesmo lugar afirma ter possuído um "louro" que "resava o Bemdito", e arremedava perfeitamente uma galinha choca.

"O direito não olhou para os papagaios com os mesmos olhos da lenda, da religião e da história" – escreveu Gustavo Barroso. E aduziu: "Citada por João Brígido, uma postura colonial de 1803 impunha, no Nordeste, a cada lavrador a obrigação de anualmente apresentar à câmara de sua vila certo número de cabeças de pássaros de bico redondo, papagaios e seus parentes: araras, periquitos, jandaias, curicas, maracanãs, canindé", "pelo mal que infligiam aos roçados,

bicando-lhes os grãos plantados ou vulnerando a messe por colher (Barroso, 1927, p. 13).

O procedimento fiscal prosseguiu no Ceará, e em 1854, na vila de Maria Pereira, a resolução 665, de 4 de outubro do referido ano, dava vigência a posturas municipais que expressavam no art. 14: "Todo agricultor será obrigado a trazer no mês de junho ao secretário da câmara 50 cabeças de pássaros daninhos, das quais o secretário passará recibo, sendo o fiscal obrigado em suas correições a exigir dos agricultores dito recibo para pôr no verso o seguinte: 'Vistos em correição, tanto de tal mês e ano – F –. Os contribuintes pagarão a multa de dous mil réis para o Concelho."

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALENCAR, José de – *Iracema*, 3ª edição, vol III, in: *Obras Completas*, Biblioteca Luso-Brasileira – Cia. Aguilar Editora, Rio de Janeiro, 1965, 1.130p.

BALDUS, Herbert – *Ensaios de Etnologia Brasileira*, prefácio de Affonso de E. Taunay; ilus., fotos; Cia Editora Nacional, São Paulo, Col. Brasiliana, vol. l0l, com glossário, 1937, 350p.

BARROSO, Gustavo – *Através dos Folk-lores*. Cia. Melhoramentos de São Paulo, São Paulo, 1927, 198 p.

BRADESCO-GOUDEMAND, Yvonne – *O Ciclo dos Animais na Literatura Popular no Nordeste*, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1982, 190 p.

CAMELLO, C. Nery – Mossoró em 1923, Coleção Mossoroense, Série B, nº 661, Mossoró, 1989, 31 p.

CAMPOS, Eduardo – *As Manifestações Populares do Ceará: o folclore*, edição comemorativa do 1º Centenário do Instituto do Ceará, Fortaleza, 1986, 22 p.

Luís da Câmara – *Civilização e Cultura*, Editora Itatiaia Ltda., Belo Horizonte, 1983, 742 p. *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 5ª edição, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1984, 813 p.

COLUCCIO, E – SHIANFFIN, G. – *Folklore y Nativismo*, S.A. Editorial Bell, Buenos Aires,1948, 340 p.

CHILDE, V. Gordon – *O que Aconteceu na História*, tradução de Waltensir Dutra, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1981, 396p.

KOST'ER, Henry – *Viagem ao Nordeste do Brasil*, tradução e notas de Luís da Câmara Cascudo, ilustrado, Coleção Brasiliana, vo1.221. Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1942, 598 p.

MOLLINA-TÉLLEZ., Félix -EI Mito, *La Leyenda y El Hombre*, editorial Claridad, ilustrado, Buenos-Aires, 1947, 304 p.

MOTA, Leonardo – *Violeiros do Norte*, prefácio de Herman Lima, ilustrações de Aldemir Martins, Imprensa Universitária, Ceará, 1962, 334 p.

NOGUEIRA, Paulino – "Vocabulário Indígena" in: Revista do Instituto do Ceará, Ano I, Tomo 1, 1º, 2º, 3º, e 4º, semestres, Fortaleza, 1887, 438 p.

ORICO, Osvaldo – *Vocabulário de Crendices Amazônicas*, ilustrado, com fotos, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1937, 288 p.

SOUTHEY, Robert – *História do Brasil*, vol. I, tradução de Joaquim de Oliveira e Castro, anotado por J.C. Fernandes Pinheiro, Brasil Bandecchi e Leonardo Arroyo, ilustrado, 3ª edição, Edições Obelisco, São Paulo, 1965, 356 p.

WAGLEY, Charles – *Uma Comunidade Amazônica – Estudo do Homem nos Trópicos*, tradução de Clotilde da Silva Costa, 2ª edição, Cia. Editora Nacional, ilustrado, com fotos, Col. Brasiliana. vo1.290, São Paulo, 1977, 314 p.

CAPÍTULO III

DOS TRÁCIOS AOS ENCOURADOS VAQUEIROS DA CAATINGA. MAGIA E PARTICIPAÇÃO DA FAUNA NO QUOTIDIANO

EM SUA jornada pelo Nordeste, depois de ter vencido o Ceará-Mirim, em 1810, ainda em terras do Rio Grande do Norte Henry Koster deparou a "figura comum do sertanejo em viagem. O cavaleiro observado assentava-se em pequeno cavalo com cauda e crinas compridas", vestindo grandes calções ou polainas de couro taninado, mas não preparado, de cor suja de ferrugem, amarrados da cinta e por baixo víamos as ceroulas de algodão onde o couro não protegia'." (Koster, 1942, p. 133). Em nota de esclarecimento Luís da Câmara Cascudo, tradutor da obra, repete Martius, informando como se indumentava o peão paulista interiorano, a se ver: com "curto gibão, perneiras justas e chapéu em forma de prato, preso ao pescoço com uma correia, tudo de couro pardo de veado ou de capivara..." O vestuário assim descrito o protegia de modo eficaz "contra cercas de espinheiro que tem de atravessar na perseguição dos animais" (o.c., p. 145).

Perde-se no tempo o procedimento de o homem aproveitar a pele de animais para confeccionar a própria vestimenta. Os Trácios, a exemplo, como está em Heródoto, "tinham na

cabeça peles de raposa e envergavam túnicas por cima das quais traziam uma roupa de diversas cores, muito ampla. Calçavam borzeguins de pele de cabrito...” (Heródoto, s.d., pp. 584, 585). Os Armênios, por volta do século IX, usavam peixe, mulas e falcões como moedas, com as quais se desobrigavam junto aos califas, e exportavam “peles de animais, destacáveis os panos feitos de pelo de cabra muito apreciados então por causa de sua espessura e duração” (Nersessian, 1973, pp. 69, 70, 71).

Sérgio Buarque de Holanda anotou: “escudos, couraças, e capuzes de toda espécie entravam no arsenal dos conquistadores”, mas a maioria, no Brasil, “dispensava, sem dúvida, semelhante luxo, pois escudos e coletes de couro eram em geral o quanto bastava para garantir contra o perigo dos setas” (Holanda, 1957, p. 135).

Nos documentos de “procedência castelhana e jesuítica, refere ainda Sérgio Buarque de Holanda, os sertanistas vestiam ‘largamente’ as ‘couras de anta.’ Em uma das suas incursões ao gentio bravio do Paraguai, narrado pelo aventureiro de Domingos de Irata, “usaram paveses (anteparos quadrados ou oblongos) de ‘couros de antas e veados’, em número aproximado de 400” (idem, ibidem).

Os índios do Chaco – narra Alfred Métraux –, especialmente os que adotaram o cavalo, usavam jaquetas de couro – geralmente de onça – que algumas vezes chegavam até os joelhos, em vestimentas de duplo efeito: ornamentava-os e os protegia. A pele da onça assim posta no indumento transmitia a “ferocidade do animal.” Os Ocaina – repassa ainda Métraux, “possuíam armaduras de couro de anta” (*SUMA Etnológica Brasileira*, I, 1986, p. 160).

Os bosquímanos, no período final da Idade da Pedra, tinham seus capotes feitos de peles (Fagan, 1972, p. 42). “Em muitas regiões” Está dito aí. (o.c., p. 42).

Pelos anos presumivelmente situados entre 3.00 a 1.200 a. C., no lugar Cabezas Largas, ao sul de Pisco (Peru), descobriu-se um "cemitério com seis sepulturas (alguns corpos estavam flectidos, outros estendidos) e um ossário que guardava os restos de sessenta pessoas. Os corpos estavam envolvidos em peles de camelídeos, provavelmente de vicunha" (Bushnell, 1972, p. 33).

Todos os povos, em determinado momento de sua existência, souberam utilizar em proveito próprio os recursos propiciados pela caça abatida ou capturada. Desse modo sucedeu com os Maias, habitantes da meso-américa, onde também se encontravam animais perigosos como o jaguar, "perseguido pela sua resplandente pele", além do tapir, cuja carne servia de repasto, e a "pele, excepcionalmente dura, utilizada na confecção de escudos e armaduras para os guerreiros" (Coe, 1971, p. 25).

No Nordeste do Brasil, mais que em outra região, pode-se argüir: a pele de animais domesticados, principalmente do gado vacum, alcançou em tempos passados ilimitada serventia, de que dá copiosos exemplos J. Capistrano de Abreu, ressaltando a época do couro, "verdadeira civilização experimentada pelos dias coloniais, quando de couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama dos partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água; o mocó ou alforge para levar comida, a mala para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as bruacas e surrões, a roupa de entrar no mato' " (Abreu, 1963, p. 147).

O aproveitamento do couro do animal não se faz apenas sob intenção utilitária. Na verdade mesclam-se em muitos procedimentos, para apropriá-lo, sentimentos ou intenções mágicas. Nesse caso, quando o Boróro sai a campo para matar a onça "mori", e que, pelo ritual, vai destinada ao seu

parcial falecimento, conduz o couro do animal abatido – contam os padres Colbacchini e Albisetti (1942, p. 158) – "até o meio da praça da aldeia e o deixa lá", indo então buscar o irmão do tal finado que, por seu *mori*, ele matou a onça; etc. (o.c., idem, ibidem). O índio, agraciado com a oferta do couro da onça, está compelido a "fazer arco e flechas e enfeites vários do clã" para o caçador que abateu o felino.

A cerimônia do *mori* da onça – assim relatado por Akirio Boróro Kegger (Tiago Aipobureu), já referido antes – é sobremodo extensa e repetitiva. Mas em todas as suas passagens o couro animal é manejado, passa de um lugar a outro, anda de mão em mão conforme a importância dos que se envolvem diretamente no ritual, até que tudo culmina como descrito: "o matador da onça recebe novamente os dentes, as garras e o couro da onça, e entrega o couro àquele a que já está determinado; os dentes para a mãe, ou para uma parenta do finado, e as garras para um rapaz parente do finado" (idem, ibidem).

Lembra Gioconda Mussolini: "o índio (Kaingang) pressente as relações humanas com os 'espíritos do mundo natural', seres 'que controlam ou animam fenômenos naturais e as espécies de animais (Mussolini, 1980, p. 44). Está ciente de que, dentre outros benefícios alcançados da ação dos espíritos, pode obter a indicação de lugar de boa caça, de abundância de mel", proteção para a convivência, no quotidiano, das atividades cinegéticas, e, em ocasiões inusitadas, de procriação, como a da índia que "tomou o filho da abelha, colocou-o no ventre, deu-o à luz sob a forma humana, e desde então foi-lhe fácil conseguir sempre mel em abundância..." (idem, ibidem).

Escreveu von Martius: "De acordo com a idéia do índio, todos os seres da natureza e todas as manifestações dos elementos naturais existem para mutuamente se auxiliar ou

prejudicar. Cada qual tem que servir ao outro, e daí lhe advém a idéia de que natureza há um principio bom, salutar, e outro mau, pernicioso. Estes dois princípios ele vê representados por toda parte e os antropomorfisa. Povoa assim florestas e campos com serem inimigos os que lhe são nocivos e se torna visionário. Todas as forças hostis, tais como animais venenosos e feras, são para ele unicamente manifestações de princípios maus" (Martius,1939, pp. 204, 205).

A concepção animística para a vida das criaturas vegetais e animais é indissociável do pensamento popular. Superstições, crendices as mais diversas, carreiam para o conhecimento do povo observações que acabam por presidir às relações do homem com o mundo animal.

No continente, generalizada a postura de recorrência às superstições zoológicas. O osso do pênis do tigre, sob esse contexto, é apreciável amuleto que confere força, valor pessoal, aos que o portam consigo em saquitel pendurado ao pescoço, observou Félix Molina-Téllez na Argentina, onde também a pele da raposa exerce a influência negativa, pois enfraquece a pessoa que a possui.

No Brasil, e de modo particular no Ceará, os pássaros prenunciam tanto desgraça como alegria. Beija-flor ou borboleta preta entrando em casa significa infortúnio à vista, diferente, por exemplo, da esperança (inseto ortóptero) que vale por um aviso de muita euforia. Gato preto azara o lar; mulher grávida, se pisar escama de peixe, não se alivia da placenta; cupim em cumieira é morte do dono da casa; suor de cavalo dado a beber a alguém, de mistura com café, provoca loucura; "canto de anum traz morte"; "calango, que penetra em lar, dá boa notícia de dinheiro para o seu morador"; "sapo cururu atirado sobre a casa de vizinho desafeiçoado, proporciona-lhe ruína"; "pena de pica-pau ferreiro, na ocasião que trabalha para furar o pau, se apanhada por alguém, dá-lhe

felicidade" – anotou Guilherme Studart. (Cascudo, s.d. p. 298 e ss).

Mas em compensação acode por igual a influência zoológica protetora. É na verdade, pelo menos no Nordeste, copiosa a quantidade de ensinamentos zooterápicos passados de geração a geração, predominante pelos sertões.

A banha do teiú (tejuaçu), mais precisamente do (*tupinambis tequixim*), friccionada sobre costas e peitos dos reumáticos opera como terapia infalível: a carne do gato-mourisco (*felis jaguarundi*) cozida, ministrada aos asmáticos, dá bons resultados; o chamado chocalho (guizo) da cascavel (*crotalus terrificus*) tem poderes terapêuticos para aliviar as crises reumáticas; raspa (aparas) de dente de jacaré, aplicada na cavidade de cáries dentárias, alivia a nevralgia; a gordura (banha, como a denominam os sertanejos) é desinflamatório nas afecções de garganta ou problema nas glândulas do pescoço; a belida aliviam-na com aplicações sucessivas (sobre a vista enferma) da pele da moela da juriti; a extremidade da cauda do tatu-peba (*dasypus-sexcintus*), quando introduzida em ouvido dolorido, elimina o mal-estar; banha do cágado costumeiramente é aproveitada para eliminar as crises de reumatismo; para a mesma enfermidade nada melhor do que a carne da cascavel cozida em rodelas; do mesmo modo o caldo servido ao enfermo com os mesmos sintomas.

Tomar ferroada de formiga vermelha, ou abelha (também terapia usada na União Soviética), é providencial para debelar dor reumática localizada.

Há práticas inusitadas adotadas pelos enfermos e que não se restringem a habitantes dos sertões nordestinos. Uma destas é o ato de quem sofre de apostema em dedo, unheiro por exemplo, introduzi-lo no ânus de uma galinha, ou vagina de pessoa ou animal. Terapia absurda, mas ancestral.

Dentes, ferrões, peles, substâncias graxas, urina, fezes de animais, tudo isso tem considerável aplicação terapêutica universal. Um couro de boto (*stena tucuxi*), improvisado em cinturão e passado em torno do corpo de doente, é eficaz no tratamento de hérnia; dente de caranguejeira, conservado em saquitel e conduzido assim por uma criança, favorecer-lhe-á a dentição. Quem conduz consigo guizo de cascavel pode dizer-se a escapo de dores de ouvido; o galo-de-campina (*Paroaria gularis*, L.), aberto ao meio e posto dessa maneira sobre um dedo enfermo, alivia o padecimento etc. (Campos, 1967).

Em interessante notícia sobre escorpiões o prof. Otávio Magalhães, nos anos quarenta, registrou: "... encontra-se em grande número de habitações (em Minas Gerais), guardada na copa ou na cozinha, uma coisa que depois se verifica tratar-se de uma pedra confeccionada de chifres de veado. Se a pessoa que a descobre é curiosa e pergunta a dona da casa para que serve, ela responde que aquilo é remédio contra os escorpiões. Onde há chifres de veado, o inimigo não causa dano." (*Vamos Ler*, 23 de janeiro de 1941).

Para dar combate aos "malditos", tumores de mau aspecto – escrevi anteriormente – e que "produzem lesões fétidas geralmente deflagrados pelo *bacilus anthracis*, não poupando criaturas humanas e animais – mais identificados por carbúnculo, tinha-se terapia assentada em aplicações de meizinha obtida da pele dos sapos, descrita no jornal *O Sol*, editado em Fortaleza (CE), no século passado:

> "Apanha-se um sapo dos grandes (sendo em maio, melhor), tire-se a pele, guarde-se; e aparecendo sintoma de carbúnculos, corte-se de dita pele quanto cubra o tumor, e ponha-se de molho em vinagre forte até ficar bem flexível, e aplicam-se com atilho, de modo que não vá para outra parte. Conserva-se por 24 horas, umide-

> cendo-se com o mesmo vinagre em que esteve a pele do tumor, de molho. Passadas as 24 horas, aplica-se uma rodela do tamanho do tumor, de molho, e preparada da mesma forma" etc.

Deve-se admitir, conforme a explicação de estudiosos, que os sapos segregam um tipo de veneno elaborado de suas pústulas dorsais e glândulas parótidas, como informa dentre outros Félix Molina Téllez, repassando descrição de Jean Rostand. Tem-se aí, em ação terapêutica apreciável, a bufaguina e a bufotoxina. (Molina Téllez, 1947, p. 201).

Os sapos, conquanto se apresentem com aspecto repulsivo, sempre estiveram incluídos na zooterapia de interesse humano. Howard W. Haggard (1947, p. 41) registra o aproveitamento destes para o tratamento da hidropsia, processado através de beberagem obtida de sapos fervidos, iniciativa modernamente explicada pela quantidade de substânciá benéfica ministrada aos enfermos, a bufonina.

Alceu Maynard Araújo, estudando o comportamento de comunidade ribeirinha do Rio São Francisco (Piaçubuçu), comentou: "No mundo animal é que encontramos os causadores e portadores de enfermidades e males", dando as cobras por "inimigas irreconciliáveis do homem e criações.", destacando dentre essas a "jaracuçu traíra, preta e cinzenta, papa-ovo, salamentra, cobra de veado, surucuru, duas cabeças, papa-barata, jararaca do rabo branco, mata-boi, papagaio, mija-sangue, jericrá grande, cipó e de coqueiro; costela de vaca, talo de aninga e papavento " (Araújo, 1961, p. 172).

Temor e idiossincrasias a determinados bichos, no meio sertanejo, são reminiscências também de fundo religioso, algumas facilmente identificadas com o pensamento bíblico. Está dito no Levítico 11-2, que o Senhor dirigiu-se a Moisés e a Arão, lhes dizendo quais os animais que os deveriam alimentar. Desse modo, permitidos à refeição sadia os quadrúpedes

de “unhas fendidas” e cujo casco dividisse em dois, sendo ruminante, exceto, por exemplo, o camelo, “que rumina, mas não tem unhas fendidas”, declarado imundo (Lev. 11-4).

Na mesma ordem de exclusões o argarnaz, a lebre, o porco; permitidos à refeição humana os animais existentes nos rios e mares, com barbatanas e escamas. Excluídos, por abomináveis, o quebrantosso e a águia marinha, o milhano, o falcão, o corvo, a avestruz, a coruja, a gaivota, o gavião, o mocho, o corvo marinho, o abutre, a cegonha, a garça, a poupa e o morcego.

Interditado para refeição os insetos que voam tendo quatro pés e cujas pernas traseiras são maiores. Deglutíveis o gafanhoto devorador, a locusta, o grilo. Considerado imundo todo animal de “unhas fendidas, mas o casco não “dividido em dois, e que não rumine”; “todo animal quadrúpede, que anda nas plantas dos pés”, a doninha, o rato e o “lagarto segundo a sua espécie”; o “seco, o crocodilo da terra, a lagartixa, o lagarto da areia e o camaleão” (Lev. 11-3 a 11-30).

Abomináveis as cobras, pois estão sob esse aspecto englobadas em texto orientador do próprio Lev. (11,2) “Tudo que anda sobre o ventre e tudo o que anda sobre quatro pés, ou que tem muitos pés...” Aí firmemente condenado todo o “enxame de criaturas que se arrastam sobre a terra” (Lev. 11-44).

Na proximidade do assunto vale mencionar a figura de Sansão, homem tomado de paixões e vingativo. Tendo perdido a esposa filistéia para um de seus amigos, resolveu praticar inusitada vingança incendiando as searas dos filisteus. Ele e mais os amigos, sob idêntico propósito, juntaram 300 raposas presas umas às outras pelas caudas, às quais em engenhoso artifício ataram fachos acesos, soltando-as em seguida em meio às culturas dos desafeiçoados, onde se queimou tudo, vinhas e olivais (Davis, 1983, p. 539).

A mítica universal não dispensa a presença de animais em suas representações de crença. Thiasi, na mitologia germânica, é gigante em figura de águia; Fenria, outra divindade, um lobo gigante; Si Wang-mu, Rainha Mãe do Ocidente, na mítica chinesa, assume figura humana "com cauda de leopardo e dentes de tigre"; Inari, deusa japonesa do arroz, figura "um ancião de longa barba a cavalo numa raposa branca." Prestam-lhe todas as homenagens as gueizas, "fiéis do deus-raposa." Tartaruga, javali, peixe, são encarnações alinhadas na teogonia bramânica da divindade denominada Vixem, na mitologia indiana. Nesta, encontrável o deus-macaco Hamuruan. E mais, cobras, serpentes, todos estão integrando a vida de Garuda, que serve de "montaria" ao deus Vixenu. Nesse mito de Garuda as serpentes em dado momento tornam-se piedosas, ansiando por beber ambrosia, que só causa efeito miraculoso nos que se encantam em estado de purificação (Spaldin, 1973, p. 69 e ss). '

A zoolatria de mais presença no mundo antigo é a egípcia. Dela diz-se que "provocou o espanto dos gregos, as crueldades dos persas, os sarcasmos dos romanos e as zombarias indignadas dos Padres da Igreja, no albor do Cristianismo" (o.c. p. 271) Em todos lugares havia deuses encarnando "uma espécie protegida pelo tabu: bovinos, carneiro, cão, gato, macaco, leão, hipopótamo, crocodilo, serpentes, falcão etc." (idem, ibidem).

Retomando o tema da repulsa, aliás discutível, do homem do povo às cobras, veja-se por outro ângulo – como referido já em algumas passagens deste capítulo – a utilização dos répteis pelo sertanejo a proveito próprio. Não difíceis de encontrar os exemplos do uso de gordura (banha) de cobras venenosas e até a ingestão da carne destas em terapias sobremodo estimuladas, além das recorrências mágicas ao seus guizos etc. Não de todo incomum a utilização da cobra de

veado em substituição a felinos domesticados, para cumprir a tarefa exterminadora de ratos em casa e armazéns comerciais. A papa-ova alcança o mesmo uso, como o cancão ensinado a acabar com as baratas e grilos. Noutra seqüência de aproveitamento, vale nomear a marreca e o tetéu, criados em galinheiros, de asas aparadas, servem para alertar os seus donos da presença de visitantes indesejáveis.

O cancão ostenta outra qualidade: é capaz de lutar contra cobras, impedindo-se de entrar na casa onde o criam. Defensor ideal do lar, capta e toma para si as doenças que ameacem acometer os seus habitantes.

O guaxinim, passível de domesticação, se cuidado desde pequeno, funciona também como perseguidor implacável de ratazanas.

Outros animais nos orientam. Entremostram-se curiosos e bem aprendidos na maneira de aproveitar a própria moldura natural em que se inserem para defender-se dos imprevistos clímicos e simples alterações meteorológicas. Nesse caso, o admirável joão-de-barro, previdente em instalar sua vivenda estruturada engenhosamente de argamassa e detritos, com a abertura voltada para o poente, a intuitos de evitar que se lhe arremeta de ninho adentro a água da estação pluviosa.

Como o meio ambiente, principalmente sob a pressão dos verões prolongados, estirados e secos, importa para os elementos da fauna nordestina. Esses em muitas situações, entregam-se como que a "um sono estival, análogo à hibernação" – anotou um grande estudioso da fisiografia do Ceará; possibilitando "ao animal atravessar a estação que lhe não é favorável à existência pela d eficiência de umidade, com um gasto nulo ou quase nulo deste elemento. Entre os peixes, têm-se um exemplo notável nos caris ou cascudos que se enterram na lama quando as lagoas secam, e assim aguardam

as águas da estação futura. O mesmo se dá com os batráquios, como é vulgarmente sabido: com alguns répteis e com os insetos etc" (Pompeu Sobrinho, 1962, p. 199).

O povo sabe que em certos bichos há um quer que seja mais de "astúcia", "jeitinho" ou "inventiva", para escapar aos seus perseguidores, por exemplo. Nessas horas uma ou outra espécie usa de disfarces (mimetismo) para esconder-se e o caçador não lhe identificar o esconderijo escolhido. Assim ocorre com o camaleão que, coincidentemente com a época das chuvas na região, conserva-se verde, a cor vistosa, propiciadora de artifício salvador, pois trepado nas árvores clorofiladas intensamente consegue pôr-se fora da mira das armas. E pelos verões alongados, quando o sol guloso cresta a copa das árvores e desfolha as decíduas, de modo agudo nos meses de setembro a dezembro, outra ajuda providencial a esse esquisito (mas saboroso) réptil, desveste-se do verde vivo de antes, tomando indumento de coloração entre o amarelo queimado e o próprio escuro fusco.

Pássaros e *bichos do mato*, afiança a sabedoria popular, alertam-se a si e ao homem para as alterações do tempo, e nisso muitos vezes se condenam, denunciando o lugar em que estão. No primeiro exemplo são múltiplas as situações de formigas que mudam o ninho, baratas que voam do mato para o interior das residências etc., etc. Sob tal contexto notadamente os macacos (guaribas) que roncam prenunciando a quadra chuvosa. A esse aviso animal, juntam-se por certo outros vários com a mesma evidência, testemunhou Richard Burton: "...o ajuntamento de borboletas em lugares úmidos, o aumento dos concertos feitos pelos sapos, o chilrear dos cicadídeos, a mordidela das moscas mordedoras e o canto do sabiá..." (Burton, 1983, p. 368).

Peixes também roncam. Burton, à margem do rio São Francisco, observou a respeito: "O peixe chamado mandim

estava acordado e roncava como um peixe-cabra. Essa fome à tarde levou os barqueiros a concluírem que era sinal de chuva." (Burton.1983, III, p. 49).

Seguem o procedimento do mandim (adivinhando chuva?), que grunhe, o "cará bandeira (*Mesonata insignis*, Gunther)", espécie comedora de lama e considerado venenoso; e um loricarídeo, o cascudo, de carne apreciada e "muito comum dos rios do interior" (o.c., p. 76).

Pelos rios, açudes e lagos, no chamado Polígono das Secas, igualmente identificados como "roncadores" a curimatã e a pescada. Esta, em águas mais profundas, faz ruído bastante perceptível à superfície...

Desse modo, voando ou se "assanhando" – o que quer significar indocilidade, chiando ou tomando feição diversa da comum em sua espécie, toda qualidade de bicho, no entender do sertanejo, manda o seu recado, avisa ao homem como vai decorrer o tempo, se de boas chuvas, ou de muita secura e angústia, e fome.

Poeta do povo, de apelido Lobo Manso, versejando "contra os profetas e experiências da chuva" do Cariri, alinhou cópia esplêndida de "avisos" de indivíduos da fauna da região:

De manhã canta o jacu
À tarde a rã rapa a cuia
O sapinho canta aleluia
Gargareja o cururu
Canta e apita o inambu
E o tempo abafado e quente
Geme o trovão no nascente
Nada disso faz chover
Depois de Deus não querer
Não há homem experiente

Nem o xexéu cantando
Nem cupim criando asa
Nem aranha fechar casa
Nem pau-darco florando
Nem todo padre rezando
Os que existem no mapa
Nem o Bom Jesus da Lapa
Nada disso faz chover
Depois de Deus não querer
Nem mesmo as preces do papa

Nem o imbuá trepado
Nem formiga se assanhando
Nem seriema cantando
Nem o peixe bem ovado
Nem buriti carregado
Nem reza de inocente
Nem dia frio e nem quente
Nada disso faz chover
Depois de Deus não querer
Nem dia de São Vicente

Nem dia de São José
Nem peitica assoviando
Nem sabiá gorjeando
Nada disso eu tenho fé
Regula é se Deus quiser
Nem os anuns enxurrando
Nem capuxu se mudando
Nada disso faz chover
Depois de Deus não querrer
Nem mesmo o carão cantando

Nem cantando o lagartão
Nem o besouro serrar pau
Nem gritando o bacurau
Nem voando o corujão
Nem besourinhos furar chão
Nem mata-pasto florando
Nem o caboré cantando
É bastante Deus querer
Nada empata de chover
Nem tanajura voando.

(Macedo, 1984, pp. 111, 118, 119)

Vai além a participação da fauna nordestina na vida do homem. Animais, bichos como de comum referidos, estão sempre participando vivamente das atividades e pensamento do povo simples, sertanejo, que tem maneira própria de ver e encarar os fenômenos que não sabe explicar. Assim, comparecem às histórias, às abusões, e persistem nas afeições de vivência agrária, na nomeação de localidades, produtos de trabalho, apelidos etc. A propósito escreveu Mauro Mota: "A zoofilia é um sentimento comum. Vai de fio a pavio. Não se dilui no modernismo. Pelo contrário: aí expressa-se num imaginário às vezes audacioso. Vejam-se alguns casos nordestinos. Os bichos de Manuel Bandeira, alguns criados de meia – a andorinha, a cotovia, a aranha, os sapos, o boi..." (Mota, 1969, p. 20). Esses e outros coexistem com os que têm largo trânsito na literatura regional, como se vai deparar n'*A Bagaceira*, em cenário de pungente drama de pobreza e muito sol, da Paraíba, em que o autor atribui aos animais circundantes o dom de se comunicar com inteligência e voz. M. Cavalcante Proença, em introdução à obra, destaca desse contexto o grito do xexéu, as risadinhas das casacos-de-couro e a "risada da seriema (que) parecia um soluço." A matreirice animal

está mais uma vez flagrada: a casaco-de-couro compondo "o ninho com espinhos e gravetos" e o beija-flor nidificando nos pés de urtiga, para ludibriar o homem. É também sublinhada a preferência sensual das "piabas famintas, como as pirambebas do rio do Peixe", sabidas beliscadoras de "coxas pubescentes." (Almeida, o.c., 1988, p. XXXIV e 59).

Bicho nomeia livro de cordel; é jogo, o do bicho; nome de país, cidade, riacho, lagoa, fazenda... Pontos de arte de "rendas de bilros e almofada", em anotação de Mauro Mota, conforme as semelhanças chamadas "aranha, moscas, de rato, mão de onça, papagaio, olho de jandaia, olho de pombo, caracol; os padrões, ou de pinto, aranha na corrente, espinha de peixe, casca de cobra, dente de caranguejo..." (o.c., p. 25).

Os animais participam da vida das pessoas em todos os instantes, concorrendo para as alegrias da mesa com copiosas e saborosas guloseimas. Nada comparável, nesse caso, a uma paçoca de carne de veado, batida firme em pilão de madeira; a uns ovos mexidos de anum – simplesmente deliciosos; a avoantes assadas e flambadas em aguardente. A tanajura (içá), abundante às primeiras chuvas, torrada e com acompanhamento de farinha de mandioca é manjar difundido e apreciado. A propósito refere Sérgio Buarque de Holanda: "Ainda em outubro de 1717, quando percorreu a capitania em demando das minas, D. Pedro de Almeida e Portugal encontrou quem lhe oferecesse, sem hesitar, antes com o mais vivo empenho, 'humas poucas formigas', acompanhando meio macaco. O macaco, explicou-lhe o obsequioso hospedeiro, era a caça mais mimosa daqueles matos e as formigas, depois de convenientemente tostadas ao fogo, comparavam-se à melhor manteiga de Flandres" (Holanda, 1957, p. 66).

O tatu sabe a carne de galinha. Vai bem cozinhando antes até amolecer para um assado providencial. Mesmo o cassaco é reputado bom alimento, desde que se lhe dê

também competente fervura, para desodorizar-lhe o fartum do couro.

São pratos de primeira: jacu e veado. E foram antes disputados no Ceará, como boa alimentação, paca e cotia.

Por outra feição, a participação da fauna (como inspiradora) é indissociável dos folguedos, das alegrias nordestinas. Faz-se presente às manifestações de contentamento coletivo, por exemplo, quando forma o bumba-meu-boi e o Vaqueiro lembra a ema:

Voa, voa,
Minha Ema,
Se tu queres avoar
A cabeça pra baixo
E as perninhas
pro ar!

Momento em que acode o coro, jocoso, a proclamar:

Olhe o pássaro que avoa
Peneruê (peneiro eu)
Lá no meu sertão
Peneruê
Todo pássaro avoa
Peneruê
Só a Ema não,
Peneruê!

(Campos, 1960, pp. 35-36)

Não de raro, à arrecadação de espórtulas para festejar os santos de devoção popular, os foliões "batem tambor e vão entoando 'cantigas em louvor' do padroeiro, 'que nada têm de religiosas'," anotou José Carvalho:

Meu Carão está chorando
Em cima do matupá
– Por que chora, meu Carão?
– Porque não acho uruá!
Uruá, uruá!
Peixinho do fundo,
Uruá!

(Carvalho, 1973, p. 69)

No entendimento popular, os santos participam de pescarias e caçadas. Em Pitanga dos Palmares (Bahia), um rezador na "Dança de São Gonçalo" cantava:

São Gonçalo foi pro mar (bis)
pescar seu peixe xeréu (bis)
vender por meia pataca (bis)
para comprar seu chapéu. (bis)

(Araújo, 1986, p. 207)

Os brincantes do cucumbi – folguedo para homem – na Barra do Rio Grande (Bahia) lembra ainda Nélson Araújo, identificam o anjo Gabriel como caçador:

Quem matou meu passarinho
foi um grande atirador
quem matou meu passarinho
foi um grande atirador
foi o anjo Gabriel
que o rosário mandou
foi o anjo Gabriel
que o rosário mandou.

(o.c., p. 135)

Nas danças, principalmente, não faltam alusões zoomorfas. Em Alagoas – freqüente no passado –; na do "caranguejo", em que as moças empreendendo-a, volteavam a bater palmas, e, em dado instante, arregaçavam "um pouco o vestido para mostrar a pontinha do pé" (Brandão, 1957, p. 44).

O mesmo estudioso do folclore nordestino escreveu a respeito: "Variedade especial de rodas de passeiro ou de valsar são aquelas semelhantes ao 'Arara' das danças de parelha do salão, em que um cavalheiro fica sem a dama e ao grito de '*Arara*' toma a primeira que alcança, mudando-se todos os pares."

No *Papagaio* louro, a troca dos pares inicia-se no estribilho cantando:

Papagaio louro,
Do bico dourado,
Quem tem sua dama dança
Quem não tem fica parado.

(o.c., p. 47)

Em Acaraú, Ceará, a "dança da Aranha" teria sido "criada" – informa Nicodemos Araújo – por descendente dos *Tremembés*: "A função tem lugar em terreiro amplo. Inicialmente forma-se um circulo com gente de ambos os sexos e de qualquer idade, tendo ao centro o 'chefe' ou *Cantador de Aranha*, com uma sanfona ou viola" (...) "A dança consiste na rotação do círculo vivo (dos brincantes), em ritmo de baião", enquanto o "chefe" desfia o canto:

O lê lê, rapazeada,
Serra o pau e apara o pó.
Esta Aranha não é minha:
É do Xico Mossoró.

(Araújo, 1972, p. 218)

Por que Tremembés, como refere Nicodemus Araújo? É que o Acaraú se originou da Almofala, seu primeiro povoado pelo século XVIII, aldeia habitada inicialmente por aqueles indígenas (idem, ibidem, p. 37).

E por esse fato pode-se identificar a "Aranha" com as manifestações supersticiosas antigas, comuns aos primitivos habitantes não apenas da região.

O prof. Adaucto d'Alencar Fernandes reproduz uma "poesia selvagem" recolhida pelo general Dionísio Cerqueira e cantada por índias moças, que lembra a influência da aranha nos folguedos tribais.

A aranha me mordeu,
A aranha me mordeu.
Longe, a aranha me mordeu.
No caminho de tua roça
eu andava atrás de um moço.
A aranha me mordeu.

Qua1 é o meu remédio, oh! moça?
Pele de gente, rapariga.
Me dê já o meu remédio
Senão eu morro e me vou.
A aranha me mordeu.

(Fernandes, 1922, pp. 139-140)

A aranha – acuda-se a tempo – tem sortilégios mágicos. A sua teia não deve ser removida, principalmente se criada em canto de parede. Amalgamada com picumã é decisiva meizinha para golpe em mão ou em pé, no Nordeste.

Mas, retomemos o tema.

Alceu Maynard Araújo, ao assistir no bairro do Alecrim, no Asa Branca, "um jongo" – o bambelô –, viu o folclorista

Veríssimo de Melo, "exímio cantador de coco", participar do folguedo, cantando:

Eh! quem de mim tem pena,
diga quem de mim tem dó,
levaram minha patativa,
deixaram meu curió.

(Araújo, 1973, p. 75)

Um batráquio pouco receptível à convivência familiar, no Nordeste, surge festejando na "Dança do Sapo": Entra, entra, sapinho / Faça uma cortesia / Para o dono da casa / E pra sua família" (Pellegrini Filho, 1982, p. 82).

Luís da Câmara Cascudo no verbete *piranha*, do *Dicionário do Folclore Brasileiro*, transcreve curiosa informação de A. Americano do Brasil (*Cancioneiro de Trovas do Brasil Central*, 273-274, São Paulo, 1925) sobre a *Dança da Piranha*, folguedo daquela região: "Compõe-se de homens, mulheres e até crianças que formam uma grande roda, saindo ao meio dela um dos dançantes, que executa passos variados, tempo em que os da roda girando à direita e à esquerda, cantam:"

Chora, chora, piranha,
Torna a chorar, piranha,
Põe a mão na cabeça,
Piranha!
Põe a mão na cintura...
Dá um sapateadinho,
Mais um requebradinho,
Piranha!
Diz adeus ao povo, piranha,
Pega na mão de todos, piranha!

> "A tal piranha faz o que lhe mandam, chorando, pondo a mão na cabeça etc. Por fim, conseguindo agarrar a mão de qualquer dos da roda, puxa-o para o meio do circulo, tomando-lhe o lugar. Assim se continua." (Cascudo, 1984, p. 621).

Até os quirópteros são lembrados pelo povo em seus momentos efusivos. Em Olinda, Pernambuco, conta Paulino de Andrade, em livro de memórias, o que era a animação do *Pastoril* e o *Presepense*, ali, com o "carnaval dos morcegos", à frente a popular figura de Cícero Manta cantando:

O morcego bateu asas,
Mas não pôde "avoar".
– Quem não tem prazer na vida,
Não diverte o "carnavá".

(Andrade, 1962, p. 81)

Mas é na paremiologia que a fauna inspira, a enriquecer a conversação do dia-a-dia, quando a propósito de tudo – da esperteza de vizinhos, armadilhas da existência, intenções, falhas humanas, mentiras etc. – está sempre presente a criatividade, o espírito observador e analista do sertanejo, ajustando sua opinião a julgamentos que vão do que é jocoso ao que é sério. Múltiplas e inteligentes, nessas ocasiões, as sentenças proferidas, não de raro algumas apreendidas ou adaptadas do folclore de outros lugares, mas umas e outras, daí por diante, cada vez mais adotadas na transmissão oral de didática sem convenções nem métodos.

Desse modo juízos como estes:

"Cascavel quando não mata aleja";
"Desgraçado é o bicho que o outro engole';

"Formiga corta longe de casa";
"Cobra que não anda, não engole sapo";
"Em terreiro de galinha, barata não tem razão";
"Jabuti não pega ema ";
"Macaco velho não mete a mão em cumbuca";
"Quem anda pela cabeça dos outros é piolho;
"Quem foi mordido de cobra, tem medo de minhoca";
"Cachorro bom de tatu, morre de cobra"

(Mota, 1982)

Não diferentes dessas saborosas comparações e avaliações populares, envolvendo o mundo animal a interesse de julgamentos humanos, as sentenças colhidas por Fontes Ibiapina:

> "Feio, que só ninho de jaburu"; "carrancudo que só rabo de tatu"; "xexéu e rola-bosta, cada um do outro gosta"; "em lagoa de piranhas, macaco bebe água de canudo"; "barata sabida não atravessa galinheiro"; "desconfiado que só cabeça de jabuti"; "onde não há onça, veado folga"; "quem gaba o toco é a coruja"; "urubu pelado não voa em bando"; "conselho de raposa, mata galinha"; "quem nasce para tatu, morre fuçando"; "uma gambá cheira outra"; "atravessado que só coração de peba" etc. (Ibiapina, 1982).

Repisando: universal sem dúvida a participação de animais na vida do homem, de todas as formas, e, inclusive, como suprimento de suas necessidades de provisão de boca. Adorados em algumas circunstâncias como a vaca na Índia, onde é considerada por todos a "mãe da vida". Conta Marvin Harris: "Em toda a Índia, pendem das paredes calendários estampando belas e ornadas jovens, com o corpo de grandes

vacas brancas. Vê-se o leite jorrar das tetas dessas deusas, meio mulher, meio-zebu" (Harris, 1978, p. 18).

O grande amor a outro animal está situado na Nova Guiné e Ilhas Malanésias do Sul. Para os seus habitantes os porcos são sagrados e devem ser sacrificados e comidos "em todas as ocasiões importantes, tais como casamento e funerais" (...) "E tão irresistível a avidez pela carne suína entre vivos e mortos, que, de tempos em tempos, organizam-se grandes festas e quase todos os porcos são devorados..." (o.c., p. 36).

São procedimentos de vinculação religiosa, como os que sempre existiram desde que o homem se deu conta da presença de seres animados. Por isso inusitado, mas característico dos séculos, a utilização de animais para o pagamento de pecados. Desse modo, fato testemunhado por Fernão Mendes Pinto, no século XVI, no Japão, em solenidade religiosa transcorrida no templo de Tinagoogoo, cuja vila ostentava balanças em profusão onde se pesavam as pessoas cumprindo votos os mais diversos. "E a coisa que dava por si era conforme ao pecado que tinha cometido." (...) "Os culpados na preguiça se pesavam a lenha, arroz, carvão, porcos e frutas." (...) "E o pecado da soberba se pagava a peixe seco, e a vassouras e bosta de boi..." (...) "O que pecou em falar muito em prejuízo do próximo, sem lhe pedir perdão, ofereceu por si na balança uma vaca, ou um porco, ou carneiro ou veado..." (Pinto, 1984, p. 482).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALMEIDA, José Américo de – *A Bagaceira*, romance, ilustrado, introdução de M. Cavalcante Proença, 2. ed. Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, 1988, 126p.

ANDRADE, Paulino – *Filho de Gato...*, memórias, ilustrado, Pongetti, Rio de Janeiro, 1962, 230p.

ABREU, J. Capistrano de – *Capítulos de Hist. Col. (1500-1800) & Os Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, c. índice de nomes e assuntos, Edit. Universidade de Brasília, 5. ed. 1963, 404p.

ARAÚJO, Alceu Maynard – *Medicina Rústica*, Prêmio Brasiliana, Col. Brasiliana, vol. 300, Cia. Editora Nacional, S. Paulo,1961, 390p. Cultura Popular, Ed. Melhoramentos, S. Paulo,1973, 224p.

ARAÚJO, Nelson de – *Pequenos Mundos* (um panorama da cultura popular da Bahia), I, Univ. da Bahia, Fund. Casa J. Amado, ilustrado, Salvador, 1938, 360p.

ARAÚJO, Nicodemos – *Município de Acaraú* (Notas para sua História), intr., apresentação de F. José Ramos Ferreira Gomes, Departamento de Imprensa Oficial do Ceará, Fortaleza, 1960, 368p.

BRANDÃO, Théo – "Rodas de São João" in: *Boletim Alagoano de Folclore*, mês de junho, ano II, 1957, 62p.

BURTON, Richard – *Viagens aos Planaltos do Brasil* (Minas e os Mineiros), – trad. Américo Jacobina Lacombe, notas do autor e tradutor. Cia. Edit. Nac., 2. ed. Col. Bras., vol. 375, SP, 392p.

BUSCHIVELL, G.H.G. – Peru, 16º vol. da Coleção História Mundo, ilustrado, tradução de Gustavo Anjos Ferreira, Editorial Verbo, Lisboa, com índice ideográfico, 1972, 216p.

CAMPOS, Eduardo – *Medicina Popular do Nordeste*, 3. ed. ilustrado, prefácio de Luís da Câmara Cascudo;

posfácio de Fran Martins, Edições O CRUZEIRO, Rio, 1967, 148p.
– *Estudos de Folclore Cearense*, Imp. Universitária do Ceará, UFC, ilustrado, Fortaleza, 1960, 126p.
CARVALHO, José – *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará*, c. introd., Eurico Valle, 2. ed. Imprensa Universitária, UFC, Fortaleza, 1973, 239p.
CASCUDO, Luís da Câmara. *Antologia do Folclore Brasileiro*, bibliografia, notas, Livraria Martins Editora, São Paulo; 1984, 504p.
COE, Michael D. – *Os Maias,* 11º vol. da Coleção História Mundi, ilustrado, c. índice ideográfico, tradução de Armando Luiz, Lisboa, 1971, 260p.
COLBACCHINI, P. Antônio; ALBISETTI, P. Cesar – *Os Boróros Orientais orarinogodógue do Planalto Oriental de Mato Grosso*, Col. Brasiliana, vol. 4, série 5, pref. de D. Francisco de Aquino Corrta, ilustrado, c. vocabulário da língua Bororó, c. índice alfabético, Cia. Editora Nacional, 1942, 454p.
DAVLS, John D. – *Dicionário da Bíblia*, tradução do Rev. j. C. Carvalho Braga, ilustrado, 9. ed. edição da Junta de Educação Religiosa e Publicações – JUERP, Rio de Janeiro, 1983, 660p.
FAGAN, Brian M. – *África Austral*, ilustrado 18º vol. da Coleção História Mundi, c. breve aditamento à edição portuguesa, trad. de Tomé Nordestina Santos Júnior, revisão literária da dra. Maria d'Aguiar Galhardo, Editorial Verbo, Lisboa, 1972, 236p.
FERNANDES, Adaucto d'Alencar – *O Índio do Brasil*, Estudo Histórico Etnográfico, Antropológico, C. nota alfabética explicativa, Tip. Comercial, Fortaleza, 1922, 270 p.
HARRIS, Marvin – *Vacas, Porcos, Guerra e Bruxas: os Enigmas da Cultura*, trad. de Irma Fioravanti, Edit. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro,1978, 224p.

HAGGARD, Howard W. – E*l Médico en La História*, ilustrado, Editorial Sudamérica, Buenos Aires, 1947, 446p.

HERÓDOTO – *História*, estudo crítico de Vitor de Azevedo, tradução de J. Brito Broca, Guia Universitário, Assis Brasil; Editora Tecnoprint Ltda. Rio de janeiro, 798p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de – *Caminhos e Fronteiras*, ilustrado, índice onomástico e de assunto, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1957, 336p.

IBIAPINA, Fontes – *Paremiologia Nordestina*, revista e aumentada, 2. ed. (s.e) (s.d), 1982, 258p.

KOSTER, Henry – *Viagens ao Nordeste do Brasil*, trad. e notas de Luís da Câmara Cascudo, ils. Cia. 'Edit. Nac., 1942, 596p.

MACEDO, Joaryvar – *O Talento Político de Alencar e outros Estudos*, IOCE, Fortaleza, 1984, 144p.

MARTIUS, Carlos Friedr. Phil. von – *Natureza, Doenças, Medicina, Remédios dos Índios Brasileiros*, Col. Brasiliana, vol, 154, trad., pref. e notas de Pirajá da Silva, ilust., Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1939, 288p.

MOTA, Leonardo – *Adagiário Brasileiro*, c. explicação de Moacir e Orlando Mota, crono. de L. Mota, retrato do autor, esboço de prefácio de L. Mota. Universidade Federal do Ceará, josé Olympio Editora, Fortaleza, 1982, 434p.

MOLLINA – TÉLLEZ, Félix – *El Mito, La Leyenda y el Hombre*, ilustrado, Editorial Claridad, Buenos Aires, 1947, 304p.

MOTA, Mauro – *Os Bichos na fala da gente*, IJNPS, Ministério da Educação e Cultura, Recife, 1969, 236p.

MUSSOLIM, Gioconda – E*nsaios de Antropologia Indígena e Caiçara*, coordenação de Edgar Carone, prefácio de Antônio Cândido, Editora Paz e Terra, São Paulo, 1980, 290p.

NERSESSIAN, Sirarpie der – *Os Armênios*, 3º vol. da Coleção Mundi, com índice ideográfico, Editorial Verbo, Lisboa, trad. de Vicente Martins,1973, 216p.

PELLEGRIM, FIL.HO, – *Antologia de Folclore Brasileiro*, c. prefácio de Luís da Câmara Cascudo, ilustrações do autor, Universidade Federal da Paraíba, S. Paulo, 1982, 388p.

PINTO, Fernão Dias – *Peregrinação*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa,1984, 788p.

POMPEU SOBRINHO, Th. – *Esboço Fisiográfico do Ceará*, pref. de A. J. de Souza Carneiro, intr., ilustrado, 3ª ed. Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza, 1962, 224p.

Outras Fontes

Suma Etnológica Brasileira – I, Coordenação Berta G. Ribeiro, Editora Vozes Finesp, Petrópolis, 1986.

Vamos Ler, revista, Rio de Janeiro, 23.01.1941.

CAPÍTULO IV

A ATIVIDADE PESQUEIRA, OS HABITANTES DAS AGUAS E O FANTÁSTICO DO MUNDO AQÜÍFERO

Os estudiosos que perscrutaram o passado do homem, geralmente atribuem maior importância às atividades venatórias, votando à pesca uma atenção simplesmente circunstancial e, às vezes, pouco esclarecedora da captura de peixes e seu aproveitamento na dieta da sociedade em formação.

Mas, na verdade, os magdaleanos já a exerciam, afeitos que eram à "apreensão de peixes através de artefatos próprios, como linhas e anzóis, e utilização de arpões de pontas destacáveis" esclarece Gordon Childe (Childe, 1981, p. 71).

Nas Américas, vale considerar: os maias, no chamado Formativo Primitivo de sua evolução, 1000 a 860 a.C. "exploraram eficazmente a proximidade das águas salobras, ricas em peixes, praticando a pesca das ostras, dos mangaios e do mexilhão do lodo, apanhando caranguejos e tartarugas, e perseguindo os iguanas pela sua saborosa carne e pelos ovos. Nas lagoas e nos rios próximos pescavam o solho, o robalo, o pargo e a lampréia" (Coe, 1971, pp. 44-45).

No Peru, os Primeiros Agricultores (2000 a.C.) "apanhavam o peixe com simples anzóis feitos de conchas e ossos, e com redes que tinham cabaças como flutuadores, e,

como pesos para as fazer mergulhar, seixos com um buraco no meio." (Bushnell, 1972, p. 36).

A utilização de ictiotóxicos, como os colonizadores vão deparar na prática da captura de peixe entre os aborígines do Brasil, ocorria com os maias, em Iucatão, no Pós-Clássico (aproximadamente de 1.500 a 1.200 a.C.), que lançavam entorpecentes na água e apanhavam o peixe à mão, à medida que aparecia a flutuar. "Fora de dúvida: o peixe era nitidamente importante fonte de alimentação na economia dos habitantes do alto Amazonas, por volta dos 3.000 a.C." (Lathrap, 1975, p. 94).

O frade Andié Thevet, em 1555, durante a permanência no país, fez curiosas observações sobre a fauna ictiológica do "rio Guanabara" e sobre o modo como os índios se desempenhavam no exercício da pesca, narrando então como "fleicheiam o peixe" e puxam por "corda de algodão ou de casca de árvore." (Thevet, 1944, p. 169).

Há superstições também evidentes aí – do cação, que os índios não lhe provavam a carne; do mesmo modo, da tartaruga, pois sendo animal vagaroso, quem a comesse poderia tornar-se apático, pouco disposto às atividades normais (o.c., p. 70).

Mencionada por Fernão Cardim a captura do peixe-boi, do bigjuipirá (beijupirá), olho de boi, camurupig (camurupim), pirambá, baleia, espadarte, tartaruga, tubarão, peixe voador, tuninha, linguados e salmonetes, além dos de peçonha. De algumas espécies, como do peixe-boi, aproveitavam-se as formações ósseas da cabeça, "duas pedras de bom tamanho, alvas e pesadas", que, tomadas com vinho, serviam para atenuar a "dor de pedra" presumível obstrução dos rins. Com a tromba do espadarte, à feição de espada, os americanos iam à caça das baleias. Na vida tribal, usavam-na com a estranha finalidade de açoitar os filhos, ou a lhes meter medo (Cardim, 1939, p. 70 e ss).

Em capítulo especial sobre a pesca, Luís da Câmara Cascudo, no livro *Civilização e Cultura*, descreve os "utensílios haliêuticos", dando-os por assemelhados no mundo inteiro. Enumera-os aí: "Redes pequeninas, puçás, jereré, mangote (diminutivo de transmalho), que é rede para camarões", e mais: caçoeira, tarrafa, puçá de arrasto, landuá, covo, jiqui etc. (Cascudo, 1983, p. 316).

Os índios pescavam em terra firme, ou embarcados, e, nesse caso no Nordeste, por exemplo, utilizando toscas embarcações, as jangadas. Em cursos d'água, principalmente em empoçados e lagoas, exercitavam a pesca com ictiotóxicos, prática depredadora repassada aos sertanejos.

Em rigor, o colonizador português a seu turno não ignorava a pesca com ictiotóxicos. Em Portugal, o entroviscamento de peixes chegava a ser exercitado com privilégios reais, estimuladores dessa condenável ação, pois se animavam as pessoas a que "povoassem terras hermas "através de forais, como se vê no Conselho Trás-os-Montes, aí acrescentado: "quando o rico-homem for no rio fazer troviscata, que eles lhe dem (dêem) huma merenda porretas (guisado de alhos porros, segundo o *Dicionário Morais*) com vinagre, sem mais outro foro" (Vasconcellos, 1982, p. 378).

Pelo ano de 1591, fazendo frente à ação devastante contra a fauna ictiológica fluvial, conta Sérgio Buarque de Holanda: "Os camaristas de São Paulo tentaram impedir a destruição inútil de peixes", proibindo que no "curso do Tamanduateí se fizesse pescarias com tingui", acordado em sessão daquele ano o pregão em altas vozes "para que se não desse tingui para o conselho e para o acusador..." (Holanda, 1957, p. 82).

No Ceará, ao longo do século passado, as Câmaras municipais impunham-se sobremodo vigilantes na tentativa, nem sempre bem-sucedida, de obstar os tinguijamentos. Desse modo na

vila de Canindé, em 1848 (Res. 474), proibindo o lançamento de tingui nas lagoas; em Cascavel, da mesma forma, e em rios (1849, Res. 502); "no Riacho do Sangue, excetuados os açudes bem cercados" (1851, Res. 546); na vila da Barra do Acaracú, em "lagoas e poços dágua" (1852, Res. 580), onde se ajuntava proibida a pesca "de linha nos meses de outubro até março entre uma e outra carreira de currais de pesca".

No Crato (1854, Res. 640), na vila de Santa Cruz (1854, Res. 643); e, em Santa Quitéria (1860, Res. 959); na vila da Imperatriz (1869, Res. 1.309) etc. e mais perto de nós, em 1890, em Missão Velha (Decreto 113, de 15 de dezembro do mesmo ano), mantidas idênticas restrições.

Há peculiaridades interessantes no corpo de posturas provinciais interioranas do Ceará. O *pary*, armadilha utilizada na captura de peixes, proibiam-na as autoridades em Granja (CE), e só permitida "nas partes não distem mais de um quarto de légua d'água salgada" (1846, Res. 373); na vila de Baturité, em 1855 (Res. 744) interditava-se aos moradores as tapagens "que proíbem a livre passagem dos peixes..."; na vila de Jardim, os moradores em 1866 (Res. 1.199) não deveriam fazer "pescarias, cortunes e tudo que contribuísse para toldar as águas de servidão pública..." Em Aracati (... 1871) era defeso a "pescaria de rede de arrasto, curral (de pesca) ou outra qualquer armadilha, a começar da boca da barra. .." (Res. 1.391); no município de União, em 1870, "proibido pescar-se no rio Jaguaribe" (Decreto nº 14); em Boa Viagem as pescarias obedeciam a regime especial de disciplina, consentidas "nas terças, quintas e sextas-feiras, e o pescador 'só podia pescar uma vez por dia'." (Res. 1.531) etc.

De certo modo não será temerário afirmar que a população – pelo menos em Fortaleza (CE) – tinha muita dificuldade para satisfazer a dieta diária, problema que não parecia contornado pelo abate de gado vacum, por esse produto ficar

acima do poder de compra da maioria, ou por serem mais generosos, e possivelmente mais fáceis, os produtos do mar.

João Brígido anotou: "as pescarias e consumo de peixe, tudo estava regulado de modo vexatório." Os jangadeiros – contei antes em *Fortaleza Provincial: urbana e rural*, seguindo opinião do fundador de *Unitário* – eram compelidos pelas postura de 26 de outubro de 1811 a "ir ao mar em horas apropriadas. Se não o fizessem, a Câmara punia-os com até trinta dias de prisão" (Campos, 1988, p. 38).

Indiscutível estar no litoral, na extensa costa brasileira, a grande estocagem ictiológica supridora da dieta comum do povo. Descrevendo-a, no que nos toca, Eurico Santos (Santos, 1977, pp. 26 e 55) nomeia quantas espécies são encontradas a partir do que denominou de "costa atlântica da região norte do Brasil", onde se depara o robalo, a pescada amarela, a tainha, a curimã, o serra, o xaréu, a enxova, a pirapema, o mero, paru, a piramutaba, "que é a defesa do pobre", o bagre, o bacu, a pescada branca etc. além de camarões, caranguejos e siris.

A estocagem ictiológica do "nordeste oriental, capturada pelo 'puçá de murada, para camarão; puçá de arrasto, rede de cauda, candomblé' e 'arrastão de praia', reproduz-se na 'costa atlântica do nordeste ocidental'" (o.c., pp 30, 31), que começa, de norte para sul, com Maranhão e Piauí, e prossegue com o Ceará, passando pelo Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, até Alagoas.

Nessa área o autor dá notícia de "aparelhos fixos" aproveitados para a pesca de mar, representados pelos "currais de peixe", que, no tocante ao Ceará, têm uma considerável tradição vivida nas posturas camerárias do século passado, disciplinando-lhes o uso.

Florival Seraine, ao pesquisar e estudar os currais-de-pesca de Paracuru (CE), repetindo informações pertinentes

tomadas a Alfredo da Matta, Otto Schubert e Oscar Gonçalves, anotou estarem registrados em 1944, no Nordeste, os seguintes currais: "Ponta de Pedras (alguns), Maria Farinha (cerca de dez) na Praia da Piedade, no Estado de Pernambuco; e praia de Tambaú, perto de João Pessoa, na Paraíba (cerca de cinco). Entretanto, há referência ainda a currais no chamado Canal Grande, perto do Trapiche da Barra, na Lagoa do Norte, em Alagoas." (in: "Boletim de Antropologia", UFC, ano 2, V. 1, 1958, p. 29).

No aludido trabalho o professor Seraine inventariou os peixes que se deixam aprisionar nos currais-de-pesca de Paracuru: "Camoropim, xaréu, camorim, garajuba (preta e amarela), enchova, pampo, carapeba, salema, sargo, graximbora (aracimbora). Aparecem, no entanto, muitos outros, a saber: tamatarana, pirambu, carapiau, sabirré, biquara, ariacó, curimã, pirocaia, cumbuba, caraúna, parum (paru), parum dourado, ubarana, carapeba branca ou carapitinga e carapeba-de-lixa, coró (amarelo e branco), garabebéu, frade, olho-de-boi, sardinha, arraia, serra, vermelha, pelada ou saia-rota, pacamon, agulha-de-vela, sabão, arenque, mercador, barbado, galo, baicu (com a variedade baiacu-caixão, áspero, de consistência dura), batata (batato, na dicção popular), gulosa (golosa, na fala dos pescadores), palombeta (pelombeta, na pronúncia dos praieiros), solha, cangulo." (oc., pp. 30,31).

Profusa cópia de peixes. Abundantes os de outras espécies pelos cursos d'água, como no Rio São Francisco, que, a começo do século passado, continuavam a despertar a atenção de viajantes ilustres. Spix e Martius dão notícias aí do "pacu, surubim, dourado, congo ou cascudo, madrinha, pirãtamanduá, piranha ordinária e rondadeira, acari, mandi, mandi-pintado, grumatã (curimatã), gorubina, piau, pocomo, traíra, bagre e sarapó."(Spix-Martius, 1981, p.97)

Pelos sertões do Nordeste, onde os rios são intermitentes, nem mesmo no Jaguaribe, de longo curso, existem pacum, surubim, dourado, por exemplo, mas naturais nessa precária fauna fluvial a traíra, o muçu, a curimatã, o cará, o piau – e destes os azuis, encontráveis inusitadamente no Rio Grande do Norte; e assim por diante: – população ictiológica que gera o que se pode considerar a dinâmica cultural da pesca com implicações diretas no comportamento social das comunidades interioranas.

A ictiofauna dos sertões está nomeada nos versos de Ignácio da Catingueira:

Os peixes de minha terra,
São piau e cangati,
Curimatã e traíra,
Piranha e Jundiaí,
Branquinha, cará, piaba,
Bico de pato e mandi,
Uiú ou cabeça seca,
Tamboatá e cari...
Eu tanto pesco de anzol,
Como mato de tingui,
O que escapa da tarrafa,
Cai dentro do meu jequi.

(Lamartine, 1980, p. 141)

Abundante a fauna ictiológica da costa nordestina. "Peixes de alto mar; peixes de água funda; peixes das pedras, que não sendo os mais saborosos, são entretanto os mais bonitos e os mais cheios de cores vivas", conta Gilberto Freyre. Estes, acrescenta, "tão bonitos que não se compreende que não sejam também os de melhor sabor: o aguiuba vermelho; o pirauma, também vermelho; o tucano e o budião, azues. Mas não são. E

é a gente mais pobre que fica com esses peixes mais bonitos para seu almoço e para sua ceia com farinha de mandioca e molho de pimenta." (Freyre,1937, p. 57).

O peixe no Nordeste entra na vida da família. Variado o seu aproveitamento no exercício curativo de enfermidades, de que decorrem receitas, ou orientações bastante curiosas como a que recomenda alguém que sofre de asma cuspir na boca de um cará recém-pescado, e o devolver à água, após fisgado. Mulheres que dão à luz só devem se alimentar de peixes não "carregados", isto é, daqueles sem humores nocivos ao organismo, como traíra e piau, – anotou Alceu Maynard Araújo. Há mais: óleo de peixe elétrico faz passar a dor de cabeça; o cavalo-marinho (hipocampus), torrado e moído, dado a tomar a asmáticos, produz efeitos terapêuticos. (Araújo, 1969, 183 e ss). Do guaiá (caranguejo grande) que vive no mar – consignou Paulino Nogueira – "o povo obtém excelente remédio para o fluxo das mulheres'." O dente do pitu, camarão encontrável em rios e cursos d'água serranos, costuma ser atado "ao pescoço das crianças como remédio para a dentição." (Nogueira, in: *Revista do Instituto do Ceará*, 1887, p. 379).

Sebastião Almeida Oliveira (Oliveira, 1940, p. 240) inventariou: Peixe "engolido vivo ensina a nadar", e nenhum "resultado se consegue em pesquisa feita por ocasião de trovoada; os peixes abrigam-se em seus ninhos nesse momento."

Os habitantes, ribeirinhos do São Francisco alimentam curiosas abusões, qual o da traíra (*hoplias malabarius*, Bloch) transformar-se em serpente, crendice originada presume-se de seus antepassados, pois é comum ainda hoje aos índios do Xingu a superstição de que os peixes são "sobrenaturais", impressionando-lhes vivamente a imaginação. (Rosado -Silva, 1973, p. 250, citado por Fenelon Costa, in: *Suma Etnológica Brasileira*, 3, 1986, pp. 250, 251).

Pelas margens do rio São Francisco, Louis Jacques Brunet, 1858, tomou conhecimento da existência de um espécime ictiológico, o "peixe-de-chuva". No dizer dos habitantes das margens do rio, o peixe não foi jamais capturado ali, nem nos seus grandes afluentes, e aparece apenas nos alagadiços temporários formados pelas chuvas nas depressões e planícies. Esse pequeno peixe "teria cerca de um decímetro de comprimento, a forma da piranha e seria marcado de bandas negras" (Rosado Silva, 1973, p. 251).

Os mehináku possuem e acionam curioso aparelho zunidor, o "Matapú", refere Maria Heloisa, que os estudou; e o consideram peixe, de tal modo representado nele. É mais provável que não tenha correspondente algum – acrescenta – "na fauna ictiológica da região (alto Xingu), sendo distinto (o instrumento) de peixes particulares e antes representativos de todos eles" (o.c., p. 256).

As lendas, ou mais propriamente os contos míticos, acompanham de perto o pescador, de regras especiais para contactar os rios. Remeiro do rio São Francisco, antes de beber água tomada à correnteza, atira-lhe um pedaço de pau para ver se as águas estão em movimento. Se o pau estacionar, não havendo correnteza, é sinal de que o "rio dorme." Nessa circunstância não se lhe pode acordar, pois de pronto acodem os castigos da "Mãe d'água".

No fundo do rio, por esse momento "os peixes se deitam e a 'Mãe d'água' vem para fora pentear os cabelos nas canoas, as cobras perdem o veneno, e os que morreram afogados saem do fundo do rio, rumo às estrelas" (*Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro*, s.d., 2ª edição, p. 215).

O mar, na costa nordestina, confere especial contribuição ao que se denominar de ictiofauna da impostura. São relatos de peixes misteriosos, desconhecidos, que se deixam entrever nas noites de luar, ou que, mortos, acabam por vir

encalhar na orla marítima, ou ainda, em situações mais raras, fisgados acidentalmente.

Nada a admirar a narração desses acontecimentos, que provocam romarias ao local em que tais criaturas se acham: e não tardam notícias em jornais, a conversa pelos povoados e praias, a exagero elástico dos contadores de prosa.

O europeu – acode a dizer Luís da Câmara Cascudo "transferiu para os peixes brasileiros as lendas e os pavores locais, ampliando-os na relatividade da paisagem tropical" (Cascudo, 1984, p. 606).

Persevera no Nordeste ainda hoje um quer que seja de adesão às idéias de ancestralidade indefinida, mas que submete o homem do povo à aceitação de manifestações inexplicáveis.

Em março de 1962, à praia "Rancho-do-Peixe", de Acaraú (CE), foi ter um "peixe descomunal": de cor vermelha, sem escamas, media 45 palmos de comprimento por metro e meio de largura, e dentadura somente na maxila inferior. Só um dente do "monstro", incompleto, pesou 75 gramas (Araújo, 1972, p. 175).

Às vezes um golfinho pode tomar tamanho incomum na linguagem de pescadores. Nas praias de Trairi (CE), recenseou D. Antônio de Almeida Lustosa: para darem idéia do tamanho do colosso marinho" que encalhara no lugar, os pescadores "diziam que dois homens, montados a cavalo e colocados um de cada lado do golfinho, não se viam um ao outro" (Lustosa,1952, p. 64).

O mar concorre também com seu fascínio, motivando estórias. É por ele que anda o hipocampo, e, cavalgando-o, a Janaína:

> "Mesmo no fundão do mar, Janaina fingiu que tinha cansado para ver se os peixes eram seus

> amigos" – narra Souza Carneiro –"Todos se ofereceram para tanger a 'Mãe d'água' no lombo até a casa dela. A baleia, o tubarão, o boto, e ela foi recusando com muita tristeza deles. Por fim, ela cantou quando viu o último":
>
> *Cavalinho, meu cavalinho,*
> *Senhor das areias do mar,*
> *Prepare o seu cangotinho*
> *Para Janaina voltar.*
>
> "O Cavalo-Marinho enfreiou-se todo e ela montou nele, que partiu num carreirão *desempedido...*"

E assim, por diante, o "Cavalinho do Mar passou a ser encantado" (Carneiro, 1937, p. 323).

Não há pescador pelo Nordeste que não tenha uma história (ou estória) sobre o "cavalinho". Principalmente quando se reúne em prosa descontraída para passar o tempo, instante em que pontuando relembranças de um e de outro, apelidos, maneiras-de-dizer, venturas e desventuras, abusões e o mais, valorizam o vocabulário popular, ao qual não faltam sentenças, provérbios, de profuso adagiário que dá pouca atenção à presença dos tempos modernos.

Aprende-se então, observou Mariza Lira, que "espetadela de peixe, quando se o está limpando, é perigoso e só se evita o perigo, furando o olho do peixe e passando a gosma no lugar''; do mesmo modo: "mulher grávida, se comer peixe, gerará molas, salvo se beber água após, para separar" (o.c., p. 277).

À feição do que são e fazem as criaturas do mar, ou dos rios, formam-se idéias geralmente depreciativas quanto às pessoas. Assim, baiacu representa criatura bastante gorda; boca de arraia, apelido aplicável a quem possui boca grande;

peixe podre, é ente desprezável (idem, ibidem); E mais: olho-de-peixe-morto traduz o aspecto de indivíduo indolente; bucho de piaba, passa a ser quem não guarda segredo; boca-de-aruá nomeia pessoa de lábios curvos; arraia-miúda, gente sem a menor importância; piranha, mulher atirada, de mau gênio, ou muito animada para os prazeres sexuais etc. (Mota, 1969).

Leonardo Mota recolheu para o seu "Adagiário Brasileiro" curiosas sentenças com trânsito ainda hoje por todo o país: "Cada qual puxa brasa para sua sardinha; caranguejo não criou pescoço pra não ser enforcado; peixe esperto come peixe pequeno; anzol sem isca, peixe não belisca; quando o mar briga com a praia, quem apanha é o caranguejo; peixe podre, sal não cura; pela boca morre o peixe; camboatá é que suja a água; o que cria, cair na rede é peixe; pai fazendeiro, filho doutor, neto pescador, etc. (Mota, 1982).

Gonçalves Fernandes, entendido no folclore do Nordeste, notadamente de Pernambuco, inventariou uma série de proibições do "faz-mal", nas quais vislumbrou "documentário de mais interesse mesmo ao psicanalista propriamente que ao etnólogo", é, desse modo nos tabus que influenciam o povo "a previsão de atos simpáticos ou que se poderiam transformar em instrumento de inclinações inconscientes a que se fariam objeções e censura." Debaixo desse conceito, anote o leitor alguns dos "faz-mal" do folclore nordestino, no que nos interessa por esta parte: "assobiar de noite chama cobra"; "comer peixe misturado com carne – crescem as orelhas"; "matar *lavandeira* – porque esse pássaro lava a roupa de Nossa Senhora"; "matar urubu – dá lilíu"; "matar grilo porque grilo traz dinheiro"; "matar sapo cururu sem ser duma pancada só"; "espanar teia de aranha – espanta tristeza"; "sapo cururu debaixo da cama – é agouro" (Maior-Valente,1988, p. 93).

Extensa e curiosa a paremiologia, ou simples maneiras de dizer do povo, apropriando mais lições referenciadas pela atitude de pessoas e animais: como "siri debaixo da lata" (a referir pessoa barulhenta); "chuva de matar sapo afogado" (para explicar aguaceiro despropositado); "língua de peba" (qual bainha de faca); "cágado de botas" (depreciando pessoas baixotas, calçadas desajeitadamente) etc. (Cabral, Costa, Mota e Santiago, apud Souto Maior, 1988). E mais: "afogar o bagre" (alusão a coito); "camarão que dorme é levado pelo rio"; "em terra onde não há carne, espinha de peixe é lombo"; "jacaré é pra quem é e não pra quem quer"; "Quem tem medo de jacaré, tira o covo fora d'água"; "liso que só muçu"; "cada dia, o peixe amarga o caldo" etc. (Souto Maior,1988).

Continuando: as águas do mar dão produção e ofertam ao homem determinadas "safras" que se verificam, como refere Câmara Cascudo, "por ocasião da passagem dos cardumes, tainha, albacoras, voadores, agulhas..." Por esses dias "das piracemas" o mar adquire dos pescadores batismo especial: "água do voador", "água das albacoras", "água das tainhas", "água das agulhas"... (Cascudo, 1957, p. 47).

O mar possui outros inquilinos. Além de "caranguejos, lagostas, lagartas, algas, estrelas, planctons, cetáceos, formas elegantes e monstruosas", como em linguagem pintoresca alinha Hélio Galvão; pássaros. Sim, pássaros que "moram lá mesmo" – escreve – "em companhia dos peixes. Pássaros que vão lá todos dias, como pescadores, mas voltam todos os dias como eles" (Galvão, o.c., p. 70).

Conversando com os pescadores, Hélio Galvão quis saber se "esses pássaros pousam nas embarcações, na ponta dos mastros, que é o ponto mais alto..." Responderam-lhe negativamente. De todos, só a gaivota, "menos arisca." O "guarapirá se aproxima em atitude de luta, tentando arrancar o peixe do anzol..." (o.c., p. 71).

Pois bem, se o poeta é um sonhador, e povoa o mar com pássaros, não se pode negar o direito de cada um ver as coisas sob a dimensão de seu sentimento. Por isso, nada de estranho imaginar alguns, em Portugal, indo ao mar não para pescar, mas para "caçar":

Fui ao mar, cacei um peixe,
Cacei Santa Margarida;
Ó Santa da minha alma,
Que estavas no mar metida!

Se, fores ao mar caçar,
Leva redinhas de linho,
Hás-de-me cair nos braços,
Hás-de-ser o meu peixinho.

(Vasconcellos, 1982, V. 5, p. 277)

Francisco de Barros Júnior, tantas vezes mencionado, escreveu: "A pescaria, ou antes, a *caça* de traíras praticada no inverno, é muito interessante. Faz-se sem anzol ou rede, apanhando-se o peixe com a mão..." (...) "Enfia-se o braço tateando de baixo para cima, com a mão espalmada na mesma direção (da traíra). Quando lhe tocamos o ventre, vamos docemente ajeitando os dedos de forma a poder segurá-la logo abaixo da cabeça..." (Barros Júnior, 1ª série, s.d., p. 48).

O pescador, em particular o dos sertões, observa procedimentos também especiais para capturar peixes, a começar da posição que elege a se dispor pescar de vara '(linha e anzol), ocupando sítio em que a sua própria sombra não se projete nágua. Está convencido de que os peixes não apenas enxergam muito bem, mas igualmente percebem qualquer ruído.

Nunca leu, por exemplo, os estudos do prof. Henri Piéron, nem imagina que exista uma psicologia zoológica. No

entanto o hábito de pescar lhe ensinou que os peixes têm bastante sensibilidade e às vezes, como vimos antes no caso da traíra, rendem-se a agrados bem localizados... Aquele professor francês esclarece a propósito: "As conclusões negativas de numerosos autores (à sensibilidade dos peixes) não justificam a sua ausência, pois provável dever-se a falta de reação ao fato dos estímulos não interessarem ao seu comportamento, e não que sejam (eles) sensorialmente ineficazes." (Piéron, 1951, p. 57.

Sabe o sertanejo, que pesca de anzol, os cuidados a observar. Entende que para apanhar traíra, por exemplo, a isca deve ser de carne sangrenta, e, na falta dessa, trapo de pano vermelho. O piau tem suas esquisitices em matéria de olfato: não obstante ser frugívero, aprecia sobremodo iscas de toucinho e coração de boi...

Conquanto a maioria das pessoas imagine que ruídos perturbam de modo generalizado os peixes, as traíras até que gostam de ser molestadas, o que se faz, a esse título, malhando a água pelo menos três vezes com a vara de pescar... A tanto, não de raro, irritado, o peixe abocanha a isca.

Já noutra modalidade de pescaria, de "batição" em "tapagens", que significa aproveitar a população que ficou nos empoçados, o que funciona mesmo é o atordoamento do peixe pelo ruído desordenado dos que malham as águas paz' a fazer subir à tona o que restou entocado, na defensiva.

Fáceis, vão sendo capturados os últimos sobreviventes: piau, cangati, traíra, muçum, cará, mandi, cascudo e até pitu, descido de alguma serra. O procedimento lembra a pescaria dos índios, quando empreendiam o tinguijamento das águas.

O trivial, o pequeno, pode parecer grande nas histórias de peixes ou "bichos" que aparecem em rios e mar. A memória dos viajantes está cheia de saborosos exageros que assina-

lam alguns caprichos (melhor, fraquezas) da inventiva do homem.

Depois de referir, citando Plínio Livro IX, 12), onde está afiançada a existência "nas costas das dias e nas ilhas do Mar Vermelho" de tartarugas, cujos cascos davam para "cobrir uma casa habitável", nada fica a dever o que escreveu Jean Léry sobre o quelônio que ele e seus companheiros de viagem consumiram a bordo: "Era tão grande, tão grande mesmo, que forneceu copioso jantar para oitenta" comensais (Thevet, 1961, p. 66).

Estivesse presente o arguto observador, que foi D. Frei Cristóvão de Lisboa, teria também ajuntado algumas revelações inusitadas. O inteligente evangelizador esteve entre nós no Maranhão, em 1625. Se não exagera em tudo que narra, confirma as más-artes do baiacu, por exemplo. É ver para crer: "Baiacu é um peixe de palmo de comprimento e muito perigoso de comer para quem não o sabe com certeza e para quem o não conhece: quem o quizer comer há de meter a pele fora e tripas, e fel, e lavá-lo muito bem; eu vi um francês em uma aldeia comer de um com a pele e veio doido e cego dois ou três dias, e foi necessário amarrá-lo; e quem comer o fel misturado com alguma coisa há de morrer logo, e como está em terra incha a barriga como sapo; ele é de cor parda e verde e a pele é muito áspera e é pintado." (Lisboa, 1985, p. 15).

Mas nem tudo é tão mal como se pensa. O Baiacu, atualmente é peixe aproveitado em atividade pesqueira, empresarial, no Espírito Santo. E a piranha, apesar de execrada por todos pela sua incontida voracidade, é prato apetecente à gula.

E se dizer que Theodore Roosevelt a malquistou com imoderada ênfase, dando-a de "focinho curto, olhos malignos, sempre atentos e mandíbulas cruelmente armadas, a bater" (...), "a fisionomia de" (...) "ferocidade demoníaca" (Roosevelt, 1943, p. 41).

Gostosa depois de preparada e servida à mesa, mas terrível inimiga do homem e dos animais dentro d'água, atenta à mais insignificante presença de sangue. "Houve em Mato Grosso uma horda de selvagens que por andarem com uma bolsa de couro protegendo-lhes as partes pudendas, receberam dos portugueses o nome de porrudos. Esses sacos de couro eram usados pelos bugres, constantemente, para evitar os inúmeros casos de castração que sofriam nas caçadas em que necessitavam entrar na água" (Cascudo, 1984, p. 621, citando Visconde de Taunay).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARAÚJO, Nicodemos – *Município de Acaraú* (Notas para sua Hist.), intr., apresentação de F. José Ramos F. Gomes, DIO, Fortaleza, 1957, 368 p.

BUSCHIVELL, G.H.S. – *Peru*, 16º Vol. da CoI. História Mundi, ilustrado trad. Gustavo Anjos Ferreira, c. índice ideográfico, Editorial Verbo, Lisboa, 1972, 216 p. '

CAMPOS, Eduardo – *A Fortaleza Provincial: rural e urbana* (Introdução ao estudo dos Códigos de Posturas de 1835, 1865, 1870 e 1879), apresentação de F. Alves de Andrade, Edição da Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto, IOCE, Fortaleza – CE,1988, 167p.

CARDIM, Fernão – *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, introdução e notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia, 2ª edição, Cia. Editora Nacional, Col. Brasiliana, vol. 168, São Paulo, 1939, 380 p.

CARNEIRO, Souza – *Os Mitos Africanos no Brasil*, ilustrado, Cia. Editora Nacional, Coleção Brasiliana, vol. 103, São Paulo, 1937, 506 p.

CASCUDO, Luís da Câmara – Jangada, uma Pesquisa Etnográfica, Ministério da Educação e Cultura, ilustrado, c. glossário, 1957, 184 p. *Dicionário do Folclore Brasileiro*, c. notas de prefação, c.foto do autor, Editora Itatiaia Ltda, Belo Horizonte, 5ª edição, 812 p.

CHILDE, Gordon – *A Evolução Cultural do Homem*, tradução de Waltensir Dutra, 5ª Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1981, 230 p.

COE, Michael D. – *Os Maias*, 11º Volume da coleção *História Mundi*, com índice ideográfico, ilustrado, tradução de Armando Luiz, Editorial Verbo, Lisboa, 1971, 260 p.

GALVÃO, Hélio – *Novas Cartas da Praia*, Edições Val, Natal, São Paulo, 1968, 135 p.

HOLANDA, Sérgio Buarque – *Caminhos e Fronteiras*, ilustrado, com índice onomástico e de assunto, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1957, 336 p.

LAMARTINE, Osvaldo – *Sertões do Seridó*, Câmara Federal, Brasília, ilust.,1980, 232 p., LATHRRAP, Donald W. – O Alto Amazonas, ilustrado, com índice ideográfico traduzido por Maria Adelaide Garcia, versão portuguesa dirigida por M. Farinha dos Santos, Editorial Verbo, Lisboa, 1975, 272 p.

LISBOA, Frei Cristóvão de – *História dos Animais e Árvores do Maranhão*, ilustrado, c. apresentação, Editora Alhambra, Rio de Janeiro, 1985, 214 p.

LUSTOSA, D. Antônio de Almeida – *Notas a Lápis*, c. introdução; Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1952, 410 p.

MOTA, Leonardo – *Adagiário Brasileiro,* c. explicação de Moacir Mota e Orlando Mota, crono. de Leonardo Mota, pref. de Paulo Rónai, esboço de pref. de Leonardo Mota, retrato do autor, Edições Universidade Federal do Ceará – Livraria José Olympio Editora, Fortaleza, Ceará, 1982, 434 p.

OLIVEIRA, Sebastião Almeida – *Expressões do Populário Sertanejo*, c. introdução; impressão da Revista dos Tribunais, São Paulo, 1940, 220 p.

PIÉRON, Henri – *Psicologia Zoológica*, il., c. índices de nomes e matérias, Editorial Kapelusz, Buenos Aires, 1951, 328 p.

RODRIGUES, Dr. A. Coelho – *Institutas do Imperador Justiniano*, Tipografia Mercantil, Recife, 1879.

ROOSEVELT, Theôdore – *Nas Selvas do Brasil*, ilustrada com fotografias tiradas por Kermit Roosevelt e outros, apresentação de Apolônio Sales. Tradução de Luiz Guimarães Júnior, Edição do Serviço de Informação Agrícola do Minist. da Agricultura, Rio de Janeiro, 1944, 328 p.

SANTOS, Eurico – *Pesca e Piscicultura*; ilustrado, Coleção Zoologia Brasílica, Editora Itatiaia Ltda, Belo Horizonte, 1977, 214 p.

SOUTO MAIOR, Mário – *Alimentação e Folclore*, Prêmio Silvio Romero, Ministério da Cultura, FUNARTE, Instituto Nacional do Livro, com ilustração, com introdução do autor, Rio de Janeiro, 1988, 196 p.

SOUTO MAIOR, Mário – VALENTE, Waldemar – *Antologia Pernambucana de Folclore*, ilustrado, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, Recife, 1988, 347 p.

SPIX (J.B. v. & Martius (K. F. Phil. v.) – *Viagem pelo Brasil* (1810-1820), Vol. 1, prefácio de Mário Guimarães Ferri, tradução de Lúcia Furquim Lalneyer, revisão de B.F. Ramiz Galvão, Basílio Magalhães, ilustrado, Editora Itatiaia Ltda., Editora da Universidade de São Paulo, Belo Horizonte, 1981, 262 p.

THEVET, André – *Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de América*, pref. de Estevão Pinto, ilust., com apenso do Dr. Eustachio Duarte, Cia Edit. Nac., Coleção Brasiliana, vol. 219, São Paulo, 1944, p. 502.

VASCONCELLOS, J. Leite – *Etnografia Portuguesa*, vol. V, organizado por M. Viegas Guerreiro, c. colaboração de Alda da Silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho, pref. de Orlando Ribeiro, ilust., com glossário, Imp. Nac. – Casa da Moeda, Lisboa, 1982, 710 p.

Outras Fontes

Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro, 2ª edição.

Boletim de Antropologia, Universidade Federal do Ceará, Ano 2º Vol. 1, Fortaleza, 1958.

Revista do Instituto do Ceará, 1887, 1º, 2º, 3º e 4º semestres, Fortaleza, 1887.

Suma Etnológica Brasileira, nº 3, Coordenação de Berta G. Ribeiro. Editora Vozes – FINEP, Petrópolis, 1986.

CAPÍTULO V

A ESTRATÉGIA DO CAÇADOR. O EXERCÍCIO DA PESCA E DA CAÇADA PELO ÍNDIO E O SERTANEJO

PARA SOBREVIVER ao longo de sua evolução, principalmente a inícios dessa como desfrutante do meio ambiente, o homem aprendeu a desempenhar-se no exercício da caça e apreensão de animais quer terrestres, encontráveis na superfície do chão, ou em sobrevôos a este; quer dos que vivem em seu habitat, as águas.

Antigamente, à falta de armas apropriadas a caça desenvolvia-se baseada no elemento surpresa, originando-se por então em forma de espera, que, segundo Lacher Nunes, evoluiu depois para "os meios de captura, nos quais o homem tem atitude passiva. Por isso distiguem-se as armas (de choque, arremesso e fogo); as formas de caçar (de espera, de salto ou perseguição); o uso de meios de atração (chamarizes e negaças); o uso de animais auxiliares como cães, aves de rapina (altanaria), leopardos caçadores, cavalos, elefantes etc., etc. (*Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 4., p. 335).

Compreensível: o homem também caça com auxílio de animais em todas as partes do mundo, chegando a utilizar o boi domesticado para acompanhá-lo, à feição de disfarce ou esconderijo móvel, ao abate de perdizes e outras peças do campo.

Na caçada de altanaria tradicionalmente recorre a açores, falcões e gaviões. Utiliza-se do cavalo, como ocorre no Brasil (Rio Grande do Sul), ao abater ou apanhar a ema, pondo em ação a boliadeira.

Vai às atividades venatórias servido de cães e furões.

A propósito narra J. Leite de Vasconcellos: "Vem de longe o uso de furões na caça, como se vê em *Lages*, onde se diz: '... *foron* (foro) 2 denários'." E também se fala em furão num privilégio de 1.357, concedido a besteiros de caçarem com cães, bestas e furões, em todos os lugares, exceto nos que forem coutados "pera aver prazer en elles" (Vasconcellos, 1982, p. 311).

No Brasil, os aborígines adotam superstições pertinentes à caça, aproveitadas em favor do exercício venatório. Em ação cinegética, além de se pintarem, atam plantas de efeito mágico no arco do que lidera o grupo de caçadores. E "mastigam a folha de uma planta chamada *Kiegue ett arureu* dos passarinhos as folhas, para que, ao encontrarem a onça, esta se torne menos forte e seja vencida" (Colbacchini – Abisetti, 1942, p. 81).

Os bororós praticam a caça social de modo infalível, e no dia da morte de um índio – recensearam os mesmos autores citados. O ato tem igualmente sentido religioso e "explicado de modo vário pelos índios. Alguns dizem que matam as feras para vingar a morte do índio" (o.c., p. 81).

A atividade cinegética entre os indígenas insere-se também no ritual fúnebre. Morto o índio, dá-se a invocação de sua alma "para saber onde se encontra a caça." É como ocorre igualmente com os Bororós (o.c., p. 156).

A peça obtida em louvor do falecido é entregue a seus familiares e comida em comum. Em ato contínuo "um parente do morto dá o'poari' a um caçador, uma cabaça da qual obtém sons, o'canto de aroe'. Com essa prenda mágica

o'caçador tem o dever de matar uma fera, jaguar, jaguatirica, como reparação ou mori, dado pelo mau espírito bope, aos parentes do morto..." (idem, ibidem).

Localizar a caça exige também do caçador argúcia e aprimoramento da técnica venatória. Daí a aprendizagem de procedimentos especiais por parte dele ou dos que o acompanham como auxiliares.

D. João de Portugal e dos Algarves e Senhor de Ceuta é autor de curiosa obra – *Livro da Montaria* – inserido entre os cinco trabalhos denominados *Obras dos Príncipes de Avis*.

Encarecido aí a maior atenção dos monteiros ao rastro do porco montês, inclusive com este próprio, assim como indicados os procedimentos de medição que concorrem para a compreensão do tamanho do animal perseguido. "Compre ainda muyto ao monteiro" – está escrito – "conhecer de que horas eh, he muy maao em no homem poder dar a conhecer em escritura aquelles que daprender quiserem..." (João de Portugal, 1981, pp. 60-63).

O homem do sertão, pelo Nordeste, maneja também surpreendente capacidade para traduzir os sinais deixados no chão – quer molhado, quer enxuto, ou sobre ervas – dizendo qual a espécie de animal, se bípede, quadrúpede ou réptil – que passou, a que horas, de onde vinha e para onde foi...

Sem dúvida possui o sertanejo grande senso de observação, exercendo-o com acuidade e exatidão. "Pelo comprimento do 'cachorro' (haste que liga a roseta ao pé) da espora de um vaqueiro que lhe aparecesse, sabia se ele era do sertão descampado, cheio de agreste, de limpos, de tabuleiros, de carrascais, de grandes pastagens verdes alcatifando as várzeas, de ribeira inçada de grandes matas e de catingas profundas. Com efeito, num sertão descampado o vaqueiro pode andar com grandes esporas, mas numa ribeira cheia de matas não pode" (Barroso, 1962, pp. 140141).

E então, para identificar com precisão a que animal pertence o rastro observado antes, é mestre. Gustavo Barroso ouviu esta explicação a um homem do campo, que reconheceu ser o animal procurado (sumido) uma besta torta do olho direito, castanha escura e de saia comprida: "... andando a cavalo muito cedo, de madrugada, pelas várzeas, vira rastros de um arumal de fora. Sabia que era uma égua, porque não pisara na urina; que era cega do olho direito, porque a pastagem da vereda só estava comida do lado esquerdo, que tinha rabo comprido, porque deixava fios agarrados às tiriricas rasteiras, e esses fios eram castanho-escuro..." (o.c., p. 141).

O caçador, mais do que o pescador no Nordeste, adota práticas supersticiosas para ser bem sucedido nas caçadas. Por esse entendimento, não permite sua arma (espingarda) apontada para aves tidas e havidas como azarentas, quais urubu e anum. Considera interditados os disparos contra gato, gavião e garça. No curso de sua jornada venatória não deve preocupar-se em contar as peças abatidas, nem marcá-las, como usam algumas pessoas fazer na coronha da arma. Ainda que não dado à prática de mascar fumo, é-lhe aconselhável conduzí-lo em naco ou pele, no bolso, como engodo para aplacar o furor do caapora, assim como de todo conveniente não ir ao mato, à procura de caça, no Dia dos Mortos. Guilherme Studart registrou: "Quando o pássaro fica morto em cima da árvore, após o tiro do caçador, basta virar para baixo a boca da espingarda." E também: "Para pescador do alto-mar ser feliz e apanhar maior quantidade de peixe, deve levar consigo um pedaço de osso de menino pagão, e nunca deixá-lo de enfeitar com fita de santo." (Cascudo, s.d., p. 315, 317).

Oswaldo Lamartine tratando de caçadas e caças, e de animais de interesse da prática venatória, escreveu: "Das oito espécies extintas no Seridó – 13º da fauna cinegética local –

é fácil concluir tratar-se de: a) animais mais perseguidos pela beleza exótica, de menor prolificidade e que tem seu habitat na mais densa mata; b) os de boa carne, capazes de reforçar o carente cardápio sertanejo mormente na época das secas (cotia, jacu, caititu e veado); c) os predadores de outros produtos comerciáveis, embora de carne (ou ovos) inferior – como ema, que teve sua defesa natural reduzida após a divisão das propriedades; d) os mais perseguidos por serem daninhos à criação (onças)."

Por diante o autor de *Sertões do Seridó* anota: "de 21% das espécies arroladas de animais 'extintos em alguns municípios e muito raros' noutros, o gato maracajá 'está desaparecendo', o papagaio, a jandaia, o urubu-rei, o macaco, o tatu-bola, o sagüi e o tamanduá 'estão extintos, em percentagem que abarca de 15 a 50% dos municípios'. Finalmente, a onça vermelha –, embora tratando-se de animal sabidamente andejo' – é ausente em sete municípios e raro nos oito restantes" (Lamartine, 1980, pp. 211 e 212).

A caçada, a exercita o homem de todas as maneiras. Com armas convencionais, de fogo central; com atiradeiras (estilingues), fundas, bodoques, besta, arco e flecha etc. E por outros meios, mais engenhosos. Dessa maneira, por intermédio de armadilhas, quais os fojos para preás, mocós etc. E como se tal não bastasse, o caçador além de desempenhar-se com as formas tradicionais de caçar, utiliza-se de aguardente (cachaça) para a captura de gambá e raposa...

Armas, ardis e abusões. Armadilhas astutamente preparadas, tudo enfim praticado minuciosamente para apreender o animal desejado. Artefatos de madeira, e varas; uns engendrados com alavanca, cordas, pedras e piso falso. "Até rituais indígenas ligados à arte venatória sobreviveram deformados, secularizados, algumas vezes despidos de sua significação primitiva." (Holanda, 1957, p. 69).

Não raro "elementos tirados à religião católica incorporam-se grosseiramente" às crenças herdadas aos aborígines. Desta maneira "a bala de cera benta, que serve para prostrar de morte a caipora, se atinge bem no umbigo; o laço de rosário, que é o único meio de aprisionar o saci..." (o.c., p. 70).

As armadilhas: arapuca armada na proximidade dos roçados ou na orla do mato; perto d'água para apanhar a sericóia; o chiqueiro, disfarçada armação com engodo largado em seu interior; o fojo – que já referimos – lançado em cima de cavidade no chão, ao qual desce o animal, capturado, depois de deslocar a prancha falsa na tentativa de ultrapassagem; o mondéu etc., etc, e mais redes, ratoeiras, tudo como está em extenso inventário a respeito, recenseado por C. Ribeiro de Lessa (Lessa, 1944).

Apreende-se; mata-se a caça de todas as formas; de facho, a pauladas, por afogamento, principalmente avoantes na ocasião em que "descem" à bebida. As vezes custa crer a quantidade de peças obtidas por esse processo de caçada à avoante (*Zenaida auriculata noronha*, Chubb), que exige definida estratégia.

Há tempo de espera para abater a avoante no "pombal" , lugar em que demoram por dias e até mês. Caça noturna, exercitada por "facho", modalidade também chamada "facheio." Um dia o homem do campo, o sertanejo, identificou no ar, em vôo de grupo, a presença das "pombas de bando." Noutros pontos, mais pessoas também as viram, o que bastou para se entenderem uns com os outros e descobrir onde "desceu" o "pombal" para dormir. Por esses momentos, alvoroçam-se jovens e idosos, e se preparam para o dia (noite, melhor dizer) de atacá-lo a "facheio".

Marcada a noite da caçada, os homens se reúnem para empreendê-la; à mão balaios, bacias e sacos de aniagem em que deverão acomodar as peças recolhidas, e também o ca-

cete, grosso pedaço de pau de pelo menos um metro e sessenta centímetros de comprido, dimensionado para atingir, em repetidos golpes, as aves empoleiradas na dormida.

À frente do bando (ou bandos) caminha o guia com uma lamparina grande, apagada, apetrecho indispensável a essa inusitada excursão cinegética. Outros igualmente armados, portam idêntico artefato iluminante. Talvez dez, vinte ou mais, que clareiam, os pavios ostensivamente acesos nas proximidades da área do "pombal". Daí por diante, cumpre-se a caçada, com o contingente humano avançando sob a luz das lamparinas, e, de modo implacável, acionando os bastões. Efetiva-se o morticínio, ato selvagem que culmina com o destroçamento total do "pombal".

De não se acreditar tenham resistido até ali as avoantes. Gustavo Barroso é de opinião que durante a postura – escreve – as aves ficam sem o sentimento do medo. Por isso parece, em movimento intenso acodem ao pombal "cães, gatos bravios, raposas, guaxinins, cassacos, gaviões, punarés, cobras; todos os esfaimados, todos os salteadores e todos os gastrônomos. Começa a destruição: pombas estraçalhadas, devoradas, sangradas; ovos, chupados, engolidos, espatifados! E elas nem procuram fugir entregando-se aos carrascos, alheadas do perigo" (Barroso,1962, p. 86).

Tradicionalmente o caçador sertanejo é mais sensível a caçada de espera, na qual aplica mil truques para o colocar frente à frente com o animal perseguido. Caça veado ou onça, demorando em jirau armado na copa das árvores, onde aguarda, à noite, que um deles se aproxime da ceva adrede preparada embaixo...

O cão sertanejo, nem sempre acompanha o caçador, e se o faz, representa o êxito da captura ou abate da peça desejada. Conquanto de bastante serventia, é aliado pelo qual o interiorano não se sente agradecido.

Por oportuno o relato que Gustavo Barroso ouviu a matuto e renarrou em *Terra de Sol*, a respeito: "Graças a Deus" – desabafa o homem – "há dias em que eu passo bem! A minha cachorrinha vai à mata, pega um preá e vem comê-lo no terreiro. Eu tomo o bichinho, cozinho, e o como."

"– E a cachorrinha?"

"– A cachorrinha rói os ossos ou vai atrás de outra coisa. . ." (o.c., p. 69).

De causar inveja a quantidade de caça apetecente que Spix e Martius contemplaram em sua. viagem pelo Brasil, no século passado. "Assustados pelos viajantes" – escreveram – "voam inúmeras famílias de pombas-rolas semelhantes a pardais, de moita em moita, e as pombas maiores (amargosa e trocaz), ciscando no chão, apressam-se inquietas e a voar aos mais altos topos do mato vizinho, onde ostentam, ao brilho do sol, o esplendor metálico de sua plumagem; numerosos bandos de macacos gritam e assobiam, correndo de volta para o cercado mato; os mocós, que andam pelos cumes das rochas, se escondem rápidos entre as pedras desagregadas; as avestruzes americanas (emas), que pastam unidas em famílias, galopam ao menor ruído, como cavalhada por cima de arbustos, montes e vales, acompanhadas pelos filhotes; as seriemas, caçadoras de serpentes, ora se somem no meio do outeiro, de onde fazem ressoar o seu carcarejo enganador, que ecoa longe, semelhante ao do galo silvestre; o sobressaltado tatu-canastra (peba-bola) foge medroso correndo em torno, à procura de um esconderijo, ou, achando-se em maior perigo, encolhe-se na sua armadura; os estranhos tamanduá-bandeira e mirim galopam lentamente pelo campo e, quando seguidos de perto, deitam-se nas costas, ameaçando o perseguidor com as suas garras pontudas. Longe de todo o ruído, pastam na orla do mato o elegante veado, a anta escura, ou algum confiante porco-do-mato (caititu) etc." (Spix-Martius, 1981, p. 199).

Nos anos quarenta, Francisco de Barros Júnior percorrendo as margens do São Francisco pôde encontrar a cena a que denominou "fantástica": colhereiros e guarás dando-lhe a visão de "incomensurável toalha de renda flutuando nas alturas, ora branca, ora rubra! " (Barros Júnior, 3ª série, s.d., p. 199).

Mais referências a marrecas, patos e tuiuius, um destes abatido em magnífico tiro com bala *holow-point*, e sobre o qual informa: "Um homem desarmado, ou mesmo armado de faca, levaria desvantagem na luta com essa ave de bico enorme, afiado e dotado de grande força de percussão. Tanto ela como as garças atacam qualquer inimigo, visando sempre os olhos" (o.c., p. 123).

A caça não pode ser perseguida, capturada ou morta em determinadas áreas. "Juridicamente, a caça é um ato de ocupação de um coisa que não pertence a ninguém (*res nullius*)", expõe F.A. Pires de Lima, apensando: "Por isso não podem ser objeto de caça os animais domésticos nem os selvagens que tenham sido anteriormente capturados e reduzidos à propriedade privada. Com mais ênfase, atualmente há legislação pertinente – a brasileira, por exemplo – regulamentando os períodos de exercício venatório, lugares defesos etc." (*Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, s. d., 4 v., p. 352).

Em Pacatuba (CE), pelos inícios do século, dois habitantes do lugar duelaram-se na serra da Aratanha, não concordando um e outro contendores com a invasão do que lhes parecia área particular de sua ação venatória.

Moveu possivelmente os dois rancorosos caçadores, ao confronto, um antigo e secular questionamento de direito amparado na de *venatione et piscatione* das "Instituições do Direito Civil Lusitano", onde se indaga a certa altura: "Se a ave (caça) ferida é daquele que primeiro a toma às mãos". Resposta: "assenta-se, por costume universal, que é do Caçador, tudo conforme o pensamento jurídico de Leiser Jus.,

Georg., L.3., C 13, 1 n 16; Müller e Struvio; Exerc., 41, p. 95, Co. 2, sob a análise jurídica de Manoel d'Almeida e Souza, de Lobão, em livro escrito em 1835.

Nas *Institutas*, codificação que encerra a elementaridade do Direito Romano, obra mandada organizar pelo Imperador Justiniano, no Liv. II, T. 1 ("Da divisão das coisas e das qualidades delas"), parágrafo 13, vê-se referido: "Entrou em dúvida se entende-se logo tua uma caça que feriste de modo a poder ser apanhada. Entendiam uns que era desde logo tua; outros, pelo contrário, que somente parecia tua enquanto a perseguisses, pois se deixasse de persegui-la, ela deixaria de ser tua para torrar-se do ocupante", vocábulo, dizemos nós, que significa proprietário, dono do imóvel. "Outros julgam que não era tua antes que tivesses apanhado. Nós porém confirmamos a última opinião, porque muitas coisas podem suceder que te não deixem apanhá-la" (Rodrigues, 1879, p. 68).

O art. 14 acrescentava explicitando sobre a atividade do caçador, ao afirmar: "Certamente quem anda caçando ou passarinhando em terreno alheio, pode ser proibido de andar nele pelo dono, se este o vir. Qualquer coisa, porém, que apanhar aí, entende-se ser tua, enquanto a conservas sob tua guarda. Mas se escapar desta e recuperar a liberdade natural, deixa de ser tua e torna-se de novo *ocupante* (grifamos)." (idem. ibidem).

Interessantíssimo, debaixo de igual raciocino, o parágrafo 14 do título I, ao mencionar: "A natureza das abelhas é bravia também. Assim as que sentarem-se em uma árvore tua, antes de serem recolhidas a um cortiço teu, não são mais tuas do que as aves que fizeram ninho na tua árvore. E pois, se alguém recolhê-las, será seu dono. Adiante: "Do mesmo modo, se fizeram favos, qualquer pode tirá-los. Mas se antes de tirá-los, vires alguém andando em teu terreno, tens o direito de

proibir-lhes que ande. O enxame que voar de teu cortiço somente supõe-se teu, enquanto estiver à tua vista e não for difícil perseguí-lo. Aliás, torna-se do ocupante." (ibidem, pp. 68-69).

Todas essas disposições de Direito, com nítida vocação agrária, intuitivamente animaram aqueles dois caçadores pacatubanos a funesto desentendimento em duelo, em plena aba da frondosa serra de seu município. É que o veado perseguido por um dos contendores, já baleado ou morto, indo cair no terreno do ocupante, indicou pertencer a este e não ao autor do disparo fatal.

O sentimento do direito à caça, e não a exasperação de rancores, há-de ter funcionado forte nos dois caçadores mais do que qualquer outra emoção.

A abelha, vem a caso dizer para terminar, está inserida na moldura do quodidiano, pelos sertões. Vale adiantar que, com maior ênfase, pelos anos mais recuados, quando em muitos lugares o apetecente mel era o sucedâneo do açúcar, houve-se por componente ideal para preparo de meizinhas, de particular recomendadas para as infecções de garganta e trato respiratório.

Para tanto, afamado o mel da abelha chamada jandaíra, que, se lhe ajuntado o limão como ainda sucede por hoje, tem garantido o seu uso no combate a resfriados.

São de muitas diversidades as abelhas. Em folha da Auxiliadora Nacional, de 1845, um curioso piauiense, Leonardo da Senhora das Dores Castello-Branco, inventariou 25 espécies do Piauí, número elevado para 32 por José Martins Pereira d'Alencastre (*Revista do Inst. Histórico e Geográfico Brasileiro*, T. XX, 1 Tri., 1857, senão vejamos:

> "Tiuba-grande, tiuba-pequena, urussu-amarelo, urussu-preto ou urussu-boi, preguiçosa, urussuy

> ou pé de pau, mijuy ou bijuy, tuby ou tubiba, borá, moça-branca, manoel-d'abreu, limão, tatayra-preta, tatayra-amarela, mosquito-grande, mosquito-pequeno, cupira ou abelha do cupim, sanharó, boca de barro, feiticeira, vamos-nos-embora, mangangá ou chupé-grande, chupé-pequeno, arapuá, mombuca, abelha de sapo, juthay ou jitahy, mulher-pobre, trombeta, mandassaia, enxu, enxuhy, cabussu."

A respeito da abelha feiticeira, também denominada vamos-nos-embora, esclarece Alencastre: "Acredita o povo ignorante que aquele que depois de comer o mel desta abelha, diz para o companheiro – vamos-nos-embora – infalivelinente morre em poucas horas" (idem, ibidem).

Têm trânsito ainda hoje, principalmente no interior de São Paulo, uns versos que animam os tiradores de "mel-de-pau":

Caragatá na ponta,
Cupim no pé;
Este pau tem mé.
Chega, chega, rapazeada.

(Cascudo, 184, p. 489)

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARROSO, Gustavo – *Terra de Sol*, introdução de Braga Montenegro, Imprensa Universitária do Ceará (UFC~, Fortaleza, 1962, 224p.

BARROS JÚNIOR, Francisco de – *Caçando e Pescando por todo o Brasil (Planalto Mineiro, o São Francisco e Bahia),* Edições Melhoramentos, c. apresentação, São Paulo, 3ª série, s.d., 336p.

COLBACCHINI, P. Antônio – ABISETTI, P. Cesar – *Os Boróros Orientais Orarinogodógue do Planalto Oriental de Mato Grosso*, Coleção Brasiliana, vol. 4, série 5, pref. de D. Francisco de Aquino Corrêa; ilustrado, c. vocabulário da lingua boróro e índice alfabético, Cia. Editora Nacional, 454p.

HOLANDA, Sérgio – *Caminhos e Fronteiras*, ilustrado, c. índice onomástico e de assunto, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1944, 336p.

LAMARTINE, Osvaldo – *Sertões do Seridó*, ilustrado, Câmara Federal, Brasília, 1980, 232p.

LESSA, C. Ribeiro de – *Vocabulário da Caça*, Col. Brasiliana, v. 239, com, bibliografia cinegética brasileira e antologia cinegética, Cia. Editora Nacional, São Paulo,1944, 330p.

PORTUGAL, D. João de – *Livro da Montaria* in: *Obras dos Príncipes de Avis,* c. introdução e revisão de M. Lopes de Almeida, ilustrado, Lello & Irmão Editores, Porto, 1981, 900p.

RODRIGUES, Dr. A. Coelho – Institutas do Imperador Justiniano, Tipografia Mercantil, Recife, 1879.

VASCONCELLOS, J. Leite – *Etnografia Portuguesa*, organizada por M. Viegas Guerreim, c. colaboração de Alda da

Silva Soromenho e Paulo Caratão Saromenho, pref. de Orlando Ribeiro, ilustrado, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1982, 710p.

Outras Fontes

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, vol.4, Editorial Verbo, Lisboa, s.d.

Revista do Instituto Geográfico Brasileiro, T. XX-1857, c. gráficos, Tip. Universal de Laemmert, Rio de Janeiro, 1857, 184p.